

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E TERRITORIALIDADES

DORA MOTTA DOS SANTOS

**CELEBRAR NAS MIUDEZAS O HOJE  
E SONHAR COM EXUBERÂNCIA O AMANHÃ**

**o caso da cantoria do Céu na Terra nos ciclos natalinos de 2020/2021 e  
2021/2022**

Niterói  
2022

DORA MOTTA DOS SANTOS

**CELEBRAR NAS MIUDEZAS O HOJE  
E SONHAR COM EXUBERÂNCIA O AMANHÃ**

**o caso da cantoria do Céu na Terra nos ciclos natalinos  
de 2020/2021 e 2021/2022**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades, da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Cultura e Territorialidades.

Orientador: Prof. Dra. Marina Frydberg

## FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG  
Gerada com informações fornecidas pelo autor

D722c Dos Santos, Dora Motta  
Celebrar nas miudezas o hoje e sonhar com exuberância o  
amanhã : O caso da cantoria do Céu na Terra nos ciclos  
natalinos de 2020/2021 e 2021/2022 / Dora Motta Dos Santos. -  
2022.  
103 f. : il.

Orientador: Marina Frydberg.  
Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,  
Instituto de Arte e Comunicação Social, Niterói, 2022.

1. Cultura popular. 2. Folia de Reis. 3. COVID-19. 4.  
Produção intelectual. I. Frydberg, Marina, orientador. II.  
Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e  
Comunicação Social. III. Título.

CDD - XXX

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368



Nº146


## Ata de Defesa de Dissertação de Mestrado

Aos vinte e seis dias do mês de outubro de dois mil e vinte e dois às 13:30, em sessão remota (on-line), excepcionalmente, em decorrência da Portaria n.º 36 de 19 de março de 2020 da CAPES, reuniu-se a Comissão Examinadora designada na forma regimental pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação / Mestrado Acadêmico em Cultura e Territorialidades, para julgar a dissertação, orientada pelo(a) professor(a) Marina Frydberg, apresentada pelo(a) aluno(a): **Dora Motta dos Santos**, sob o título: “**CELEBRAR NAS MIUDEZAS O HOJE E SONHAR COM EXUBERÂNCIA O AMANHÃ: o caso da cantoria do Céu na Terra nos ciclos natalinos de 2020/2021 e 2021/2022**”. Requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Cultura e Territorialidades, área de concentração em Cultura e Territorialidades. Aberta a sessão pública, o(a) candidato(a) teve a oportunidade de expor o trabalho. Em seguida, o(a) candidato(a) foi arguido oralmente pelos membros da Banca, que, após deliberação, decidiu pela:

- X Aprovação.
- Aprovação “com restrições”; “com exigências”; “com sugestões da banca”; “condicionada” (vide verso).
- Reprovação.

Nos termos do Regulamento Geral dos Cursos de Pós-Graduação desta Universidade, foi lavrada a presente ata, lida e julgada, conforme vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente  
 MARINA BAY FRYDBERG  
Data: 26/10/2022 16:39:44-0300  
Verifique em <https://verificador.iti.br>


---

Prof.<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup>. Marina Frydberg (Orientadora - Presidente da Banca)  
(UFF)

Documento assinado digitalmente  
 DANIEL BITTER  
Data: 27/10/2022 08:53:51-0300  
Verifique em <https://verificador.iti.br>

---

Prof. Dr. Daniel Bitter  
(UFF)

Documento assinado digitalmente  
 WAGNER NEVES DINIZ CHAVES  
Data: 27/10/2022 15:58:28-0300  
Verifique em <https://verificador.iti.br>

---

Prof. Dr. Wagner Chaves

(UFRJ)

Obs.1 : esta ata constitui exclusivamente um comprovante de defesa de dissertação, requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Cultura e Territorialidades pela Universidade Federal Fluminense, não substituindo, como documento oficial, a declaração de conclusão de Mestrado dada pela Secretaria do PPCULT somente após o cumprimento de todos os demais requisitos e entrega, em até 60 dias após a defesa, de duas cópias impressas e uma em CD dentro das especificidades formais indicadas pela Secretaria.

Obs. 2: justifica-se a participação remota de três membros na banca referente ao artigo 2.º da Portaria n.º 36 de 19 de março de 2020 da CAPES: “Art.2.º A suspensão de que trata esta Portaria não afasta a possibilidade de defesas de tese utilizando tecnologias de comunicação à distância, quando admissíveis pelo programa de pós-graduação stricto sensu, nos termos da regulamentação do Ministério da Educação”.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos encontros que tornaram a escrita dessa dissertação mais leve e prazerosa. Em primeiro lugar, à Marina: ao longo dos últimos dois anos foi bonito observar a nossa relação se estreitando. Marina, obrigada pela paciência, pela leitura atenta e pelo envolvimento colocado nessa orientação, foi muito potente construir essa pesquisa a partir da relação de afeto e confiança que fomos criando.

Em segundo lugar, preciso agradecer à turma de 2020. Com apenas um encontro presencial, no dia que fizemos a inscrição no Programa, fomos atropelados pela chegada da pandemia e tivemos de encontrar formas de construir nossos laços através das telas, o que surpreendentemente deu certo. Admiro o nosso coletivo e cada um de vocês individualmente. Sou muito feliz pelo nosso encontro no mundo, obrigada por tanto.

Aos professores do PPCULT, em especial ao Marildo, Ana Enne, Ohana, Paulo, João e Wallace. Um muito obrigada por tantas trocas importantes!

Aos membros da cantoria do Céu na Terra, que tanto me acolheram ao longo da pesquisa.

Especialmente ao meu pai, minha mãe e meu irmão, nossa parceria me fortalece muito. Obrigada por me incentivarem no que sou e no que sonho me tornar. Sigamos juntos nesse cuidado mútuo tão bonito que construímos!

À minha vó Vera, por todas as tardes e noites cantando que passamos juntas e, é claro, pelas que ainda vamos passar, e à minha vó Emilia, por me olhar de outro plano, auxiliando na caminhada.

Por último, mas não menos importante: agradeço de coração os grupos de cultura popular que resistiram encontrando brechas para realizar de alguma forma seus rituais ao longo da pandemia do COVID-19. Viva a festa e o poder dela!

*Boa noite quem é de dentro  
Boa noite quem é de fora  
Salve a hóstia e cálix bento  
O menino deus e Nossa Senhora  
De a paz a sua casa pra nossa folia  
Em nome dos santos reis  
E do santo filho de Maria  
(...)*

*Os três reis foram chamados pela estrela guia  
Incenso, ouro e mira para o santo filho de Maria  
Nós cantamos nesse dia com muita alegria  
Louvando os santos reis e o santo filho de Maria*

*(Roque Ferreira)*

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo abordar a cantoria do grupo carioca Céu na Terra (manifestação que tem como base a folia de reis), dando destaque aos ciclos natalinos de 2020/2021 e 2021/2022, em que a manifestação cultural foi amplamente impactada pela pandemia do COVID-19 e acompanhar as estratégias utilizadas pelo grupo para passar por este período, como a realização de encontros em formato online, por exemplo.

Através de etnografia, netnografia e entrevistas, o objetivo desta pesquisa foi, com foco principal no festejo escolhido, entender os sentidos e a importância da festa mesmo num contexto de pandemia e compreender que através da força de seus rituais os brincantes podem sempre inventar e reinventar coletivamente o sentido da vida.

**Palavras chave:** Folia de Reis; Cultura Popular; COVID-19; Céu na Terra.



## **ABSTRACT**

This research aims to address the singing of the carioca group Céu na Terra (manifestation based on Folia de Reis), highlighting the Christmas cycle of 2020/2021 and 2021/2022, in which the cultural manifestation was largely impacted by the COVID-19 pandemic. In this text, I seek to accompany and explain the strategies by the group to go through this period, such as online meetings, for example.

Through ethnography, netnography and interviews, the objective of this research was, with a main focus on the chosen celebration, to understand the meanings and importance of the party even in a pandemic context and to understand that through the strength of its rituals the players can always invent and reinvent collectively the meaning of life.

**Keywords:** Folia de Reis; Folk Culture; COVID-19; Céu na Terra.

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1 - Registro de Anita Terrana da visita da folia do Céu na Terra em sua casa em janeiro de 2017.....</b>	<b>7</b>
<b>FIGURA 2 - Registro de Luzia de Mendonça da Folia do Céu na Terra em Lima Duarte em 2012.....</b>	<b>7</b>
<b>FIGURA 3 - Ano novo da folia. Foto postada por Péricles Monteiro Neto no dia 27 de dezembro de 2017 em sua página do Facebook.....</b>	<b>15</b>
<b>FIGURA 4 - Registro de Afonso Furtado da Folia do Céu na Terra no ano de 2001.....</b>	<b>19</b>
<b>FIGURA 5 - Registro de Ana Cristina Vargas feito em 2019 com a bandeira e alguns instrumentos da Folia do Céu na Terra.....</b>	<b>28</b>
<b>FIGURA 6 - Registro da Bandeira Estrela da Paz, da Granja Califórnia, feito por mim em Miguel Pereira no dia 5 de janeiro de 2022.....</b>	<b>29</b>
<b>FIGURA 7 - Registro de Daniel Fernandes feito em 2017 numa das cantorias do Céu na Terra.....</b>	<b>30</b>
<b>FIGURA 8 - Registro de Marcelo Valle feito em 20 de janeiro de 2020, na cantoria do dia de São Sebastião.....</b>	<b>30</b>
<b>FIGURA 9 - Captura de tela feita por mim do vídeo “Natal Sesc – Pastoril Céu na Terra” exibido no dia 6/01/2021.....</b>	<b>49</b>
<b>FIGURA 10 - Captura de tela feita por mim do vídeo “Natal Sesc – Pastoril Céu na Terra” exibido no dia 6/01/2021.....</b>	<b>49</b>
<b>FIGURA 11 - Captura de tela feita por mim do vídeo “Natal Sesc – Pastoril Céu na Terra” exibido no dia 6/01/2021.....</b>	<b>50</b>
<b>FIGURA 12 - Captura de tela feita do site do Instituto Butantan.....</b>	<b>58</b>
<b>FIGURA 13 - Fotografia produzidas pela autora no dia 19 de dezembro de 2021.....</b>	<b>61</b>
<b>FIGURA 14 - Fotografia produzidas pela autora no dia 19 de dezembro de 2021.....</b>	<b>62</b>
<b>FIGURA 15 - Folheto de divulgação da 39 visita de Santos Reis, de 2018... </b>	<b>63</b>
<b>FIGURA 16 - Fotografia tirada pela autora no dia 20 de janeiro de 2022.....</b>	<b>65</b>
<b>FIGURAS 17 E 18 - Fotografias tiradas pela autora no dia 20 de janeiro de 2022.....</b>	<b>67</b>

**FIGURA 19 - Fotografia tirada pela autora no dia 20 de janeiro de 2022.....68**

**FIGURA 20 - Flyer de divulgação do espetáculo Cariocando da Orquestra Céu na Terra no Sesc Copacabana.....71**

**FIGURAS 21 e 22 - Registros feitos pela autora durante a apresentação da Orquestra Popular Céu na Terra do dia 16 de agosto no Sesc Copacabana..72**

**FIGURAS 23 e 24 - Fotografias de Marcelo Valle tirada no cantoria do Céu na Terra em 20 de janeiro de 2020, dia de São Sebastião.....82**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>1 - O GRUPO CÉU NA TERRA</b> .....	<b>13</b>
1.1 O boi despertando para o encantamento .....	13
1.2 As cantorias de virada do ano .....	15
1.3 As várias frentes do grupo Céu na Terra.....	23
1.4 A cantoria antes da pandemia.....	26
1.5 A emergência dos grupos em torno da cultura popular.....	31
<b>2 – O ANO EM QUE A FOLIA NÃO SAIU: uma análise sobre a adaptação necessária nos festejos populares devido à pandemia</b> .....	<b>36</b>
2.1 - A pandemia do COVID-1.....	36
2.2 - Uma rede em festa.....	39
2.3 - O caso da Cantoria do Céu na Terra no ciclo natalino de 2020/2021.....	43
<b>3 - O ENSAIO SOBRE A RETOMADA DAS RUAS</b> .....	<b>58</b>
3.1 - Dia 19 de dezembro de 2021, no Largo das Neves.....	59
3.2 - Dia 8 de janeiro de 2022, em Rio das Flores.....	63
3.3 - Dia 20 de janeiro de 2022, na Fundação Progresso.....	64
3.4 - Dia 16 de agosto de 2022, no Sesc Copacabana.....	70
3.5 - Eventos previstos e imprevistos e a festa como brecha.....	76
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>82</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	<b>89</b>

## INTRODUÇÃO

### Como cheguei até aqui

Primeiramente, é importante que eu faça uma breve apresentação: sou produtora cultural, formada pela Universidade Federal Fluminense e sou musicista. Há mais de nove anos participo do Coconomã, um grupo de cultura popular que realiza rodas de coco pela cidade do Rio de Janeiro. Sem sombra de dúvidas, os festejos populares têm um espaço importantíssimo em minha vida.

Gostaria de começar meu texto com um breve memorial sobre minha trajetória acadêmica de forma que seja possível compreender quais caminhos me levaram ao objeto desta pesquisa. Meu trabalho final da graduação, defendido em 2018 com orientação do professor Marildo Nercolini, abordava o então projeto de lei que visava regulamentar a apresentação de artistas nos vagões do metrô carioca. Como artista de rua, foi muito emocionante acompanhar a luta destes artistas, que inclusive ao longo da pesquisa conseguiram aprovar a lei 8120/2018<sup>1</sup> e enfim serem autorizados a realizar suas apresentações.

O meu projeto para entrar no PPCULT foi sobre a ocupação realizada pelos artistas dos vagões do Metrô Rio. Dando sequência aos meus estudos da graduação, a ideia era abordar como se dá o direito à cidade na ocupação de um espaço público privado, trazendo principalmente os estudos de Lefebvre (2001) e a Lei nº 5.429, conhecida como a “Lei do Artista de Rua”<sup>2</sup>.

No entanto, um pouco após concluir meu projeto para concorrer ao programa, fui surpreendida com uma notícia: depois de anos de luta dos artistas metroviários para conquistar a autorização para suas práticas artísticas, a justiça do RJ decidiu por novamente proibir as apresentações de artistas em estações e vagões de trem,

---

<sup>1</sup> Disponível em <https://gov-rj.jusbrasil.com.br/legislacao/630601652/lei-8120-18-rio-de-janeiro-rj>. Acesso em 15/07/2021

<sup>2</sup> Disponível em

<<https://leismunicipais.com.br/a1/rj/r/rio-de-janeiro/decreto/2016/4267/42663/decreto-n-42663-2016-regulamenta-a-lei-n-5429-de-5-de-junho-de-2012-a-lei-do-artista-de-rua>> Acesso em 15/07/2021

metrô e nas barcas, considerando inconstitucional a lei que regulamentava essas manifestações culturais, compreendendo que as mesmas prejudicavam o “sossego dos passageiros”<sup>3</sup>.

Apesar do desânimo, decidi por seguir com o tema escolhido. Até que outro grande acontecimento atravessou meu caminho (e o de todos os habitantes do planeta): a pandemia.

Antes mesmo de começar as aulas do Programa, tivemos a notícia de que a cidade do Rio de Janeiro estava paralisando todas as suas atividades em formato presenciais não essenciais. Naquele momento, vi todos os meus amigos e conhecidos que fiz ao longo da pesquisa do TCC se verem obrigados a buscar outras formas de obter sua renda mensal, visto que, a despeito da proibição anteriormente mencionada, a atividade artística que seguiam praticando dentro dos metrôs, naquele momento seria inviável.

Entendi ali que além de ter de abordar esse espaço tempo em que uma luta de anos havia sido derrubada através de uma decisão judicial, também teria de tratar de um período em que, devido à disseminação de COVID-19, as apresentações nos trens do metrô (que apesar da proibição, assim como eram feitas antes da regulamentação, seguiam acontecendo pré-pandemia), não eram mais possíveis.

Naquele instante percebi que talvez precisasse mudar de objeto de pesquisa. Compreendi que, se a vida estava tão estranha com a chegada desse vírus, misturada a situação política do país, pelo menos o tema a ser estudado por mim no mestrado, que ocuparia tantos aspectos da minha vida, precisava ser algo que me aconchegasse o coração.

---

<sup>3</sup> Disponível em <  
<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/06/25/justica-do-rj-proibe-apresentacoes-de-artistas-em-e-stacoes-e-vagoes-de-trem-metro-e-nas-barcas.ghtml>> Acesso em 15/07/2021

Cheguei a pensar em abordar o coco de roda, visto ser uma manifestação popular que estou mais próxima em meu dia a dia ou o boi-bumbá maranhense, que muito me toca o coração há muitos anos e o motivo pelo qual viajo no mínimo de dois em dois anos para acompanhar o ciclo junino. No entanto, ao começar a enumerar quais festejos me tocavam o coração, cantoria (baseada na folia de reis) do Céu na Terra, grupo de cultura popular carioca, vinha com frequência na minha cabeça.

Apesar de não ter grandes relações com o grupo nem com esta manifestação popular, aos poucos fui entendendo quais os pontos que me tocavam tanto neste objeto. Com relação à manifestação popular, acredito que a minha criação familiar tem grande influência sobre a identificação que criei com as folias.

A despeito de não ter ido a muitas folias ao longo de minha vida, tenho memórias baseadas nas memórias de outros familiares. Meus avós tem uma casa, onde atualmente a minha vó mora, em Vassouras, interior do Rio. Hoje em dia é possível escutar algumas folias passando ao longe durante o ciclo natalino, mas meus pais contam que era comum recebê-las na casa antigamente.

Minha família sempre conta duas histórias, sendo uma da vez em que duas folias chegaram ao mesmo tempo para visitar. Foi uma verdadeira maratona de cantorias, porque para aqueles grupos o ritual ao encontrar outra folia era de se desafiarem. Além é claro de ter ficado marcada a quantidade de lanche que meus avós e tios cozinharam para tantos foliões naquele dia. Outra história que é sempre contada é sobre a vez em que a rezadeira da região de nome Dadélia, que trabalhava na casa de minha avó e junto com ela era a responsável por receber as folias, foi assistir a chegada de uma delas e se encantou pelo palhaço que de forma bem brincalhona, resolveu interagir praticamente só com ela. Eis que no final da apresentação, o palhaço retirou sua máscara e revelou sua verdadeira identidade: era o filho dela, com quem Dadélia era brigada fazia muitos anos. Ali, com todos assistindo em meio a uma grande apresentação de folia, os dois trocaram sorrisos e fizeram as pazes.

No entanto, acho importante destacar que, além do envolvimento familiar com as folias em si, faço parte de uma família católica que apesar de não ter o costume de frequentar a igreja (exceto na Missa do Galo e em casamentos, missas de sétimo dia e batizados), ritualiza as datas cristãs com muito envolvimento.

Na Páscoa, por exemplo, vamos todos para a casa da minha avó em Vassouras para realizarmos juntos o ritual do “lumen christi”, onde apagamos todas as luzes, acendemos a fogueira e o círio pascal e através deste fogo vamos acendendo uma vela para cada familiar. Na sequência andamos pelo terreno em direção a casa em procissão repetindo algumas frases em latim até sentarmos na mesa da sala, lermos alguns trechos da bíblia e “traduzirmos” os escritos para as crianças da família, de modo que elas entendam o significado da Páscoa. Logo depois todos se abraçam e então começamos a colocar na mesa um jantar bem caprichado em que todos comem juntos.

Outra celebração clássica da minha família é a leitura da peça infantil “O boi e o burro a caminho da Belém”<sup>4</sup>, de Maria Clara Machado, teatróloga que foi muito amiga de minha avó. A peça, que teve diversas montagens no Teatro O Tablado e que em muitas delas eu e meus primos quando crianças fizemos parte como algum personagem de figuração, conta a história de um boi e um burro, moradores do estábulo onde Jesus Cristo nasceu, na espera de seu nascimento. Durante o texto há a visita das pastorinhas, dos Três Reis Magos, da Estrela Dalva, do pastor e de tantos elementos também existentes no universo da irmandade de Santos Reis e nos festejos populares brasileiros que ocorrem no ciclo natalino.

Em relação à folia, acho que essas vivências explicam um pouco minha relação, mas e o grupo Céu na Terra? A princípio em minha pesquisa eu falaria, além da cantoria do Céu na Terra, de alguma folia de reis do Vale do Café, onde morei nos dois primeiros anos da pandemia e onde, como falei, minha família frequenta/mora há muitos anos. Mas devido à pandemia, a ausência de celebrações

---

<sup>4</sup> Uma das montagens da peça está disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=JlJzUgBmyrg>> acesso em 19/07/2021.



por parte da maioria dos grupos da região, unida a insegurança de ir a campo pesquisar com os poucos que saíram e ser vetor dessa doença, eu e minha orientadora optamos pelo recorte apenas do Céu na Terra, grupo este que não saiu no ciclo natalino de 2020/2021, entendendo também que ao abordá-lo já tínhamos bastante material para realizar uma pesquisa de qualidade.

Minha identificação com o Céu na Terra em específico, eu acredito que tenha surgido tanto pelo prévio convívio com alguns membros do grupo, como por exemplo, o Jean, meu primeiro professor de música e o Bis, um dos integrantes do grupo de coco que faço parte, quanto por compreender que de alguma forma a construção da identidade deste grupo com esta manifestação popular tem forte conexão com a minha construção de identidade com o coco de roda, ao compreendemos que tanto os foliões do Céu na Terra quanto os brincantes da Coconomã, não nasceram dentro destas culturas, mas encontraram com elas ao longo da vida e entenderam que ali havia uma conexão intensa a ser aprofundada.

### **Considerações iniciais acerca do trabalho**

A Folia de Reis tem origem europeia e remonta a passagem bíblica da visita de Magos (que com o tempo ganharam o status de Reis) a Jesus Cristo no seu nascimento. Tendo a Estrela do Oriente como guia, eles puderam encontrar a manjedoura onde havia nascido o menino e ali lhe entregaram os presentes que levavam consigo (incenso, ouro e mirra). Mesmo a referência aos Magos sendo pequena na Bíblia, o imaginário popular construiu ao longo dos séculos uma rica narrativa sobre essa visita (GONÇALVES, 2012), sendo a folia de reis um dos festejos populares que pertence a esse universo simbólico.

De pedidos pela cura de uma doença até o desejo de encontrar um par romântico, a folia vai sendo alimentada por essas promessas feitas aos Santos Reis, mas é importante destacar, no entanto, que a Igreja Católica não reconhece os magos como santos, essa canonização foi feita pelos seus próprios devotos. (FRADE, 2012)

Como podemos observar no artigo de Gilmar Rocha (2016), que por sua vez estuda o tema da indumentária, diversos pesquisadores têm como objeto as Folias de Reis:

Nos últimos anos, tem crescido o número de estudos sobre as folias de reis nas mais diferentes localidades do país com fins a desvelar os seus múltiplos sentidos e significados. Alguns desses estudos acadêmicos destacam o sistema de circulação dos objetos como o fundamento das folias (BRANDÃO, 1981; BITTER, 2010); outros colocam em evidência o esforço de manutenção da tradição e dos costumes frente ao processo de modernização das cidades (OUROFINO, 2009; KODAMA, 2009; MACHADO, 2010); também há aqueles cuja ênfase recai sobre os processos de transmissão e “reprodução” da cultura das folias (BRANDÃO, 1983; CHAVES, 2003; SOARES, 2006); outros ainda analisam a intercambialidade da religião na vida cotidiana (SILVA, 2006; MENDES, 2007); estudos sobre a eficácia musical (CARVALHO, 2009; GOLTARA, 2010) e festiva (CORNELIO, 2009) não estão ausentes dessas análises; de resto, o tema da identidade cultural também tem vez (GUEDES, 2003). (ROCHA, 2014, p. 1).

Nesta pesquisa, no entanto, minha busca é tratar da não realização do festejo, devido a pandemia da COVID 19, através do caso da cantoria do Céu na Terra. Vale destacar, no entanto, que como veremos mais adiante, o grupo não se compreende como uma folia de reis, mas tem essa manifestação cultural como sua principal inspiração.

Como veremos no primeiro capítulo, o Céu na Terra possui diferentes frentes, como a orquestra, o bloco, a cantoria e o pastoril. O grupo começou com a realização do auto do boi (manifestação popular maranhense, mesclada com a cultura pernambucana e carioca, que também tem “bois” em sua cultura popular) em 1998, posteriormente surgiu a cantoria, o bloco (que sai todos os anos no sábado de carnaval pelas ruas do bairro de Santa Teresa) e por último, o pastoril (surgido em 2001)..

Conheci a cantoria do Céu na Terra, grupo de cultura popular carioca, através de uma divulgação nas redes sociais em 2017 e, no impulso, corri pra acompanhá-los em seu cortejo do dia 6 de janeiro pelas ruas do bairro carioca de

Santa Teresa, adentrando o Bar da Fatinha<sup>5</sup> e a, ainda aberta na época, Galeria Bazá<sup>6</sup>. Em meio a alguns rostos conhecidos e um clima familiar, a cantoria do Céu na Terra me ganhou o peito e desde então tive vontade de realizar uma pesquisa acadêmica sobre o grupo.



Figura 1: Registro de Anita Terrana da visita da folia do Céu na Terra em sua casa em janeiro de 2017

---

<sup>5</sup> Bar tradicional do bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro, situado na Rua Áurea

<sup>6</sup> Galeria de artesanato e restaurante que ficava na Rua do Oriente, no bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro.



Figura 2: Registro de Luzia de Mendonça da Folia do Céu na Terra em Lima Duarte em 2012.

É importante apresentar nesta introdução um grande obstáculo enfrentado por mim, e imagino que pela maioria dos pesquisadores que começaram seus estudos sobre a cultura popular neste período: desde março de 2020, o Brasil foi incluído na pandemia do COVID 19 e para barrar o avanço do vírus, diversas medidas foram implementadas, entre elas a recomendação de coibir aglomerações. Dessa forma, para cumprir suas finalidades, as festividades populares necessitaram de modificações. Os itinerários simbólicos em conjunto com as mídias virtuais foram os meios mais explorados para que a reatualização conseguisse se consolidar nesse ano pandêmico (DA SILVA CORRÊA, 2020, p13).

Visto que iniciei meus estudos no ano em que a pandemia começou, e que, ingenuamente, acreditei que até o início do ciclo natalino a situação sanitária do país já estaria controlada, tudo o que eu havia pensado previamente em termos de metodologia, como a utilização da observação participante<sup>7</sup> junto aos foliões, precisou ser alterado. Num primeiro momento fiquei apreensiva de que, ao realizar a

---

<sup>7</sup> Método de constante e intensa aproximação com o material investigado, como aborda William Foote Whyte no livro "Sociedade de esquina", publicado pela editora Zahar em 2005.

pesquisa de modo remoto, não conseguisse uma vivência mais profunda, visto que existem aspectos a serem analisados que não ficam explicitados, “que não aparecem à superfície e que exigem um esforço maior, mais detalhado e aprofundado de observação e empatia” (VELHO, 1978, p69).

No entanto, com o tempo fui me deixando afetar pelas trocas virtuais e comecei a compreender a possibilidade de realizar uma “netnografia”<sup>[2]</sup>, ou seja, uma pesquisa etnográfica online. Sobre esta metodologia de pesquisa, segundo Adriana Braga:

O neologismo “netnografia” (nethnography = net + ethnography) foi originalmente cunhado por um grupo de pesquisadores/as norte americanos/as, Bishop, Star, Neumann, Ignacio, Sandusky & Schatz, em 1995, para descrever um desafio metodológico: preservar os detalhes ricos da observação em campo etnográfico usando o meio eletrônico para “seguir os atores.” (BRAGA, 2001, p.05)

Senti-me abraçada pelos membros do grupo que entrei em contato e estranhamente senti a vibração dessa manifestação cultural através das transmissões que assisti e das entrevistas em formato online que realizei com alguns integrantes, mesmo que antes não achasse que seria possível. Aos poucos entendi que apesar de diferente, a pesquisa não é necessariamente menos profunda por ser realizada desta forma. Enquanto a cantoria pensava formas de celebrar o ciclo natalino, fui moldando novas estratégias, até que entendi qual seria meu objetivo: abordar justamente o fato da folia não ter saído e entender, nesse processo, quais os pontos estão sendo ressignificados pelos sujeitos e suas práticas.

Dessa forma, é importante trazer aqui quais foram as metodologias escolhidas para o estudo deste tema. Com relação ao ciclo natalino de 2020, primeiramente, optei por realizar uma netnografia<sup>8</sup> dos fatos ocorridos de forma

---

<sup>8</sup>Este tema pode ser aprofundado no livro “Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online” de Robert V Kozinets, lançado em 2014 pela Penso Editora.

online, além de uma série de entrevistas com membros da cantoria como Jean, Rita e Daniel.

É importante destacar que cada uma das metodologias têm seus prós e contras e que na verdade, hoje em dia, é quase impossível fazer um trabalho de campo estritamente “presencial”, sendo quase sempre necessário recorrer às redes sociais do grupo pesquisado, por exemplo, para enriquecer o trabalho (FERRO, 2015, p3,4). Segundo Ana Paula Rodrigues Ferro (2015), na netnografia o observador tem a vantagem da transcrição das entrevistas e interações, onde podemos, por exemplo, pode pausar, assistir novamente e etc, dessa forma não depender tanto da memória. Por outro lado,

A diferença, considerada mais relevante e vantajosa para a etnografia, é o fato de que, nesse caso, o observador tem muito mais informações, advindas de todos os seus sentidos (olfato, tato, paladar, etc.) enquanto o pesquisador, optante pela netnografia, tem acesso somente às manifestações linguísticas e visuais limitadas, no caso de videoconferências. (FERRO, 2015, p4)

No caso da cantoria do Céu na Terra, no entanto, compreendi ao longo da pesquisa a importância de ir a campo, principalmente para quebrar a “frieza” das entrevistas e relações com o grupo que o exclusivamente online havia trazido. Passei a avaliar então que através do olho no olho e do calor humano eu poderia criar mais intimidade, estreitar alguns laços e ter percepções outras que através das telas não estava sendo possível captar, principalmente no caso da folia sair e eu poder acompanhar uma dessas idas do grupo às ruas.

Com o passar do tempo, a diminuição dos números de casos e a chegada da vacina, no entanto, acreditei que a metodologia escolhida para o ciclo de 2021/2022 pudesse enfim ser diferente. Era um processo complexo, em que tanto a Folia, quanto a presente pesquisa, tiveram de ir entendendo aos poucos quais eram as suas possibilidades e limites no contexto da pandemia.

Neste primeiro período, as entrevistas realizadas em formato online com alguns membros do grupo me auxiliaram muito. Busquei 3 integrantes da cantoria: Rita Gama, que eu já conhecia das vezes que assisti as saídas do grupo e que me contou bastante sobre a dinâmica do coletivo; Daniel Fernandes, membro que havia participado de uma das lives da cantoria que abordarei ao longo do trabalho e que estava desde a fundação do Céu na Terra e pôde me dar uma dimensão histórica

importante para o trabalho, e Jean Beyssac, que foi meu professor de música na infância e recorri para obter um retorno maior sobre a parte musical do grupo.

Para alegria de todos, na segunda parte do trabalho pude fazer algumas idas à campo junto ao grupo, que mesmo ocorrendo de forma muito diferente do costume, conseguiu fazer uma ou outra saída para as ruas, encontrando estratégias possíveis de realizar seu ciclo natalino.

Ao longo de minha pesquisa, estou buscando abordar três temáticas principais: no primeiro capítulo trato do grupo Céu na Terra e suas práticas pré pandemia. Traçando um panorama histórico e evidenciando um pouco da dinâmica do grupo em suas diversas frentes de atuação, mas tendo como foco principal a cantoria. Ainda no capítulo um, busco através principalmente de Elizabeth Travassos, pensar sobre a emergência dos grupos em torno da cultura popular, compreendendo o Céu na Terra dentro deste contexto.

No segundo capítulo, minha busca é justamente abordar a chegada da pandemia do COVID 19 e os impactos da mesma nos grupos de cultura popular e em suas práticas e festejos. Para trazer embasamento a essa discussão, tenho com grande aliado o livro “A falta que a festa faz”, organizado por Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti e Renata de Sá Gonçalves e lançado em 2022, em que reúnem artigos de 21 autores sobre como diversos grupos de cultura popular lidaram com o período pandêmico.

Na segunda parte do capítulo, no entanto, o foco se torna a cantoria do Céu na Terra e o ciclo natalino de 2020/2021, que eu vou chamar de “o ano em que a folia não saiu”, ou pelo menos, não teve sua saída da forma convencional, ocorrendo apenas no ambiente virtual. Busco abordar os consequentes processos territoriais desencadeados a partir disto, compreendendo, por exemplo, um pouco mais sobre a reterritorialização sofrida por essa manifestação cultural que saiu das ruas e casas dos devotos para as apresentações transmitidas online. Para esta discussão aciono o geógrafo Rogério Haesbaert (2004).

O terceiro capítulo aborda principalmente o ciclo natalino seguinte, do ano de 2021/2022, quando o grupo tem enfim suas primeiras saídas desde o início da pandemia, mas ainda de forma muito diferente da dinâmica que ocorria até o ano de 2019. Para pensar sobre esse encantamento das ruas, meu principal aliado foi o historiador Luiz Antonio Simas.

Ao abordar a Folia de Reis do Céu na Terra especificamente nos anos de 2020, 2021 e 2022, considerando que uma pesquisa de mestrado, principalmente à que se propõe a estudar manifestações da atualidade, trata-se também um recorte de tempo das vivências do seu objeto de estudo, foi necessário compreender que o festejo estava passando por um período atípico e que estávamos vivenciando um mundo que por necessidade, estava abdicando de diversos rituais, ou pelo menos da forma como eles sempre foram feitos, para controlar o vírus.

Não obstante, a folia de reis em específico, como veremos mais profundamente adiante, é uma manifestação cultural em que, durante o ciclo natalino, além de promover aglomerações de pessoas, tem uma característica que torna ainda mais complicado sua realização nesse período pandêmico: a visita às casas dos devotos.

A partir de agora convido vocês a, junto comigo, aprofundar o mergulho no universo da cantoria do Céu na Terra e nesse recorte de tempo tão atípico que foram os anos de 2020, 2022 e 2023.



## **Capítulo 1 - O grupo Céu na Terra**

Neste capítulo me proponho a contar a história do grupo a partir dos relatos recolhidos ao longo dos últimos dois anos de pesquisa. No decorrer do texto citarei diversos nomes de integrantes da Cantoria do Céu na Terra, ou que me forneceram entrevistas, como Jean, Daniel e Rita, ou que foram citados ao longo dessas conversas, como: Péricles, Gisela, Wagner, Joana, Patrick, Gabriela, Norma, Bis, Gisa e Gabriel.

É possível observar que o Céu na Terra em um primeiro momento foi se compondo através de casais de amigos moradores dos arredores do centro/Zona sul do Rio de Janeiro, que tinham em comum um interesse pela cultura popular brasileira, e hoje, 20 anos depois, seguem ecoando esse encantamento pelas ruas e palcos da cidade.

### **1.1 O boi despertando para o encantamento**

Em entrevista com Daniel Fernandes realizada no dia 25 de novembro de 2021, pude compreender mais sobre o início do grupo. Daniel conta que em 1997 foi chamado para fazer parte de um projeto denominado “Projeto Azul”, um grupo de trabalho voluntário artístico criado por Péricles e Gisela que realizava ações em hospitais e orfanatos levando música e teatro. Nesse primeiro encontro, junto com outros integrantes do que posteriormente viria a se tornar o Céu na Terra, eles não tinham uma proposta fechada do que realizariam juntos, num primeiro momento pensaram que propor uma contação de histórias, até que Péricles mencionou que sua tia havia realizado um bozinho numa apresentação de escola e que eles poderiam produzir algo nesse sentido. Daniel conta que todos acharam bem interessante a ideia, apesar de não terem muita intimidade com essa manifestação popular. Decidiram então fazer um boi, mas aos poucos foram se dando conta que

estavam adentrando um universo enorme, visto que o boi é presente em diversas partes e manifestações populares do Brasil<sup>9</sup>.

Esse episódio os fez pensar muito sobre, como disse Daniel Fernandes, a enorme “distopia do Brasil que não conhece o Brasil”, e que a partir desse momento esse grupo de pessoas que estava começando a se juntar e mergulhar no universo da cultura popular, passou a compreender sua “completa ignorância enquanto seres urbanos que não convivem com esse universo da cultura popular diverso do Brasil (FERNANDES, 2021, entrevista). A partir de então foi acendendo neles um interesse enorme sobre esse folguedo e o grupo realizou um auto do boi, no final do ano de 1997, com uma pesquisa muito baseada em livros e alguns vídeos do Museu do Folclore. Na mesma época estava surgindo o Boi Cascudo, do grupo Boitatá<sup>10</sup> e nesse processo de construção do auto foi muito importante para eles assisti-los.

O boi foi o que despertou o grupo para o universo da cultura popular. A primeira apresentação desse “auto” foi realizada num Orfanato na Avenida Presidente Dutra. A partir de então, o auto foi evoluindo, até que em 1998 o grupo conseguiu um projeto para apresentá-lo em diversas escolas do município e passou os dois anos seguintes praticamente só trabalhando com esse folguedo, que tinha influências de bois de várias partes do país, mas era centrado principalmente nos aspectos mais teatrais do auto.

Quando falo do auto, me refiro a representação cênica que costuma estar presente nas manifestações populares que envolvem o boi. Em seu texto “O país do boi”<sup>11</sup> para o site do Projeto Colabora, Simas conta que

Na versão mais famosa, a do folguedo maranhense, um escravizado, o Pai Francisco, rouba o boi para saciar o desejo da esposa, Catirina, que estava grávida e desejosa de comer a língua do bicho. O boi

---

<sup>9</sup> O boi pode ser encontrado por exemplo no Pará, onde ocorre a famosa disputa entre o Garantido e o Caprichoso; no Maranhão, onde no São João os grupos de boi transbordam as ruas com seus diversos sotaques ou como figura do Cavalo Marinho da Paraíba.

<sup>10</sup> O Cordão do Boitatá é um bloco de carnaval do Rio de Janeiro

<sup>11</sup> Disponível em <<https://projetocolabora.com.br/ods9/o-pais-do-boi/>> Acesso em 11/09/2022

adoece e fica à beira da morte. O fazendeiro castiga Pai Francisco e chama pajés e curandeiros indígenas que conseguem, após várias tentativas, curar o boi, que então dança para a alegria de todos. Em outra variante, o boi morre e sua carne é repartida entre a comunidade. (SIMAS, 2019, online)

## 1.2 As cantorias de virada do ano



Figura 3: Foto postada por Péricles Monteiro Neto no dia 27 de dezembro de 2017 em sua página do Facebook<sup>12</sup>

Seguindo a linha do tempo da conversa com Daniel, surgiu um novo capítulo desse processo de formação do grupo, que nesse primeiro momento passou a se auto-denominar de “Pé no chão, Céu na Terra”: o encantamento pela Folia de Reis.

No ano novo de 1999, os membros do grupo Wagner e Joana realizam uma viagem por Minas Gerais e estreitam seus laços com Folia de Reis. Quando voltam ao Rio, chegam com diversas fitas cassetes e relatos que acabam despertando os outros integrantes do Céu na Terra para esse universo. No mesmo período, outro

---

<sup>12</sup> Disponível em <[encurtador.com.br/agQU3](https://encurtador.com.br/agQU3)> Acesso em 21/09/2022

casal, Gabriel e Gisa, se muda para Santos Dumont<sup>13</sup>, no interior de Minas Gerais, e convida o restante do grupo para passar a virada do ano juntos em sua casa. Nesse encontro, nutridos pelas conversas com Wagner e Joana sobre as vivências foliãs, surge a ideia de realizar uma cantoria de Reis.

Começa-se então uma mobilização coletiva para essa primeira saída. Gisa produz então um estandarte com as crianças, composto por uma mandala de tecido, os músicos ensaiam algumas músicas e mesmo conhecendo pouco montam um pequeno repertório e saem para visitar algumas casas no interior de Santos Dumont. Até então o grupo era muito “ingênuo e romântico” e até ali os integrantes não sabiam direito a profundidade do que era a Folia de Reis. Daniel relata que ficou extremamente impactado com o respeito e a devoção com que as pessoas estavam recebendo “aquilo que a gente estava dizendo que era uma Folia de Reis” (FERNANDES, 2021, entrevista).

Santos Dumont era uma região que já tinha tido Folia de Reis, mas naquele momento não estava mais tendo, então algumas das casas que o grupo visitava já haviam recebido outras folias em outros momentos ou tinham parentes que haviam participado de folias. A felicidade das pessoas em receberem o grupo e a devoção com que lidavam com a chegada deles, o que os fez refletir sobre a seriedade daquela manifestação.

No ano seguinte, mais alguns membros se juntaram ao grupo e todos foram passar o ano novo perto de Nova Friburgo<sup>14</sup>, no interior do Rio de Janeiro, num local chamado Retiro, onde Patrick e Gabriela haviam ido morar. O coletivo resolveu então produzir uma nova bandeira

---

<sup>13</sup> Santos Dumont é um município da Mesorregião da Zona da Mata, e microrregião de Juiz de Fora, no estado de Minas Gerais, no Brasil. Segundo dados do Censo de 2000, a cidade tinha cerca de 47 mil habitantes. Mais informações sobre o município podem ser encontradas em <<https://www.santosdumont.mg.gov.br>> Acesso em 11/09/2022

<sup>14</sup> Cidade localizada na mesorregião do Centro Fluminense, no Estado do Rio de Janeiro, com 190 631 habitantes (de acordo com o último censo). Essas e outras informações podem ser encontradas em <<https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-nova-friburgo.html>> Acesso em 11/09/2022.

Em termos de religião, o grupo é muito eclético, tem pessoas que são mais ligadas ao cristianismo, outras menos, outras ligadas a umbanda... então assim, a gente resolveu fazer uma bandeira nova, uma bandeira sem usar as imagens tradicionais, mas usando a força mais simbólica que representa a bandeira, que é a estrela guia. A bandeira é como se fosse o farol que vai guiando os foliões pelo caminho e a gente resolveu botar a estrela como símbolo principal dela. O processo de confecção da bandeira foi muito bonito (Daniel Fernandes, em entrevista realizada no dia 25 de novembro de 2021)

Na conversa que tive com Daniel ele contou que para ele essa foi a virada de ano mais bonita que passou junto à Cantoria. Era uma região em que na estrada não havia luz e na bandeira que o grupo produziu, feita com sisal e sementes da região como guapuruvu, foi colocada uma lamparina para iluminar o caminho.

Mais uma vez, se viram impressionados com a recepção das pessoas para com a folia, o que foi fortalecendo em muito a coesão do grupo.

A maneira como as pessoas recebiam a gente e davam valor, a devoção que as pessoas tinham com a bandeira, a reverência. a maneira como as pessoas recebiam a gente foi ensinando muito e fortalecendo a gente para continuar essa caminhada e foi trazendo essa força devocional, essa força do significado do que a gente tava fazendo ali, essa força espiritual e energética, simbólica, seja lá o que for, pra gente e pras pessoas que estavam recebendo a gente. (Daniel Fernandes, em entrevista realizada no dia 25 de novembro de 2021)

Ao longo dessa viagem houve muitos momentos emocionantes de trocas. Um deles foi quando um senhor parou o grupo na estrada e pediu que o acompanhassem até a casa dele, um galpão de secagem de feijão. Chegando lá, em meio a feijões pendurados, o homem colocou uma cidra em cima da mesa e junto com os filhos e esposa recebeu a cantoria de Reis. “E aí pronto, não conseguimos mais parar, só paramos nesse ano de pandemia, atípico”, conta Daniel.

Outro ponto de grande importância para o grupo, que se afluou ao longo dessa e de outras viagens do coletivo, foi o encontro da cantoria do Céu na Terra com outras folias

isso foi muito importante pra gente... Ir na casa dos mestres de folia, ir na casa do folião, participar observando e em outras situações participando de encontro de folias de reis e ter contato com outras folias e as outras folias estranharem a gente, tentando entender o que a gente não entende que faz. e lá pelas tantas a gente entendeu que folia de reis é uma coisa muito séria e

passou a chamar de cantoria de reis o que a gente faz e não folia, entendendo que folia é outra coisa, com muitos mais aspectos tradicionais, devocionais, enfim, muitas coisas relacionadas que a gente não faz, então passamos a chamar de cantoria de reis. (Daniel Fernandes, em entrevista realizada no dia 25 de novembro de 2021)

Entendo esta como uma importante informação para a presente pesquisa: o entendimento do próprio grupo de que, apesar de manter uma dimensão ritual baseada nesta manifestação popular, seriam necessárias outras características para se entenderem como uma Folia de Reis. Existem diversos formatos de folias, as realizadas no Rio de Janeiro, por exemplo, são muito diferentes das realizadas em Minas Gerais, onde muitas vezes, apesar de também haver a presença de instrumentos percussivos, há uma presença maior de instrumentos harmônicos, enquanto nas folias da cidade fluminenses a presença de instrumentos como bumbos, triângulos e tarol (as caixas de guerra) são mais evidentes<sup>15</sup> (ASSIS, DERBOTOLI 2016; SOUZA 2021, CHAVES 2016). No entanto, essa afirmação nos remete a uma questão importante: o que é essencial para que uma manifestação cultural seja considerada uma Folia de Reis? Teria como definirmos isso?

#### Para Luiz Antonio Simas

A tradição brasileira de Reis, certamente de origem ibérica – a festa é especialmente forte na Espanha e em Portugal –, manifesta-se na formação de grupos de foliões que visitam as casas com estandartes e instrumentos musicais. Munidos de violas, pandeiros, reco-reco, sanfonas, chocalhos, cavaquinhos e triângulos, os foliões entoam músicas em louvação aos Santos Reis e recebem, em troca, oferendas propiciatórias ao festejo.

Geralmente as folias formam-se em consequência de promessas feitas e graças alcançadas pela ação dos Reis. O pagamento da promessa inclui a obrigação de angariar recursos financeiros para manter uma folia por até sete anos. (SIMAS, 2018, p12)

Acredito que muitas dessas características citadas acima fazem parte das dinâmicas propostas pelo Céu na Terra, mas devido ao entendimento do próprio

---

<sup>15</sup> Vale destacar que dentro de cada um desses estados, Rio de Janeiro e Minas Gerais, existem diversos formatos de Folia de Reis e que estou falando de forma generalizada sobre essas diferenças.

grupo sobre sua identidade, a partir desta parte do texto passarei a chamar a prática realizada pelo grupo Céu na Terra de “cantoria”.



Figura 4: Registro de Affonso Furtado da Folia do Céu na Terra no ano de 2001

Sobre isso, compreendo que existem diversas estruturas de folias pelo Brasil e que não é possível definir de forma normativa o que é e o que não é uma folia, no entanto, considerando o entendimento do próprio grupo acerca da sua identidade, acredito ser importante evidenciar algumas práticas realizadas em outras folias de reis de forma que possamos ilustrar algumas diferenças da prática realizada pelo grupo.

O pesquisador Gilmar Rocha evidencia em um dos seus textos que

As folias de reis são algumas das mais significativas manifestações culturais de religiosidade popular do catolicismo brasileiro. (...) Em média as folias são compostas por cerca de 30 pessoas, de crianças de pouca idade a idosos octogenários. Poucas são as mulheres que realizam as jornadas. Na maioria das vezes, sua participação se restringe à atividade de confecção das indumentárias e, principalmente, ao preparo das refeições no dia do fechamento da jornada e durante as “festas de reis” – também conhecidas como “festas de arremate”.

Os foliões, devotos na maioria das vezes, são pessoas de origem humilde, residentes na cidade ou em distritos próximos; se ocupam

em profissões diversas, como as de pintor, pedreiro, enfermeiro, auxiliar de serviços no comércio, ou estão aposentados. Quanto à organização, as folias são estruturadas, hierarquicamente, a partir da direção do mestre folião (em outras localidades conhecido também como “embaixador”, “capitão”, “chefe”, “guia”), contramestre, bandeireiro (“alferes”), gerente, instrumentistas e palhaços (“gigante”, “boneco”, “bastião”). Durante a “jornada” ou o “giro”, observa-se na organização da folia a formação de uma espécie de comissão de frente constituída pelo mestre, contramestre, bandeireiro e instrumentistas que tocam sanfona, violão, pandeiro, triângulo, etc. Normalmente, são eles os que adentram o ambiente da casa; os demais – os foliões da percussão (“bateria”) –, permanecem sempre fora da casa, junto aos palhaços (ROCHA, 2016, p544)

Neste trecho do autor é possível observar uma série de fundamentos das folias, no que diz respeito especificamente sobre a composição do grupo, no caso do Céu na Terra é possível observar que tanto homens quanto mulheres tocam os instrumentos; como vamos abordar mais profundamente adiante, nem todos os integrantes do grupo são católicos ou cristãos; não há uma estrutura hierárquica marcada como a exposta por Gilmar no que diz respeito a mestre, contramestre, guia, capitão, chefe e etc. Outra diferença importante é o fato da Cantoria do Céu na Terra não ter palhaços, figura muito importante em diversas folias. Além disso, é importante destacar que trata-se de um grupo composto principalmente por pessoas brancas de classe média moradoras da capital do Rio de Janeiro.

No artigo “É missão que segue: folias em tempos incertos”, publicado durante a pandemia, Daniel Bitter e Wagner Chaves, falando sobre a folia carioca Penitentes do Santa Marta, evidenciam alguns fundamentos que devem ser cumpridos pelos foliões, como a “entrega da folia” e a passagem da faixa

A entrega da folia é rito que toda folia deve realizar para fechar um ciclo (jornada) iniciado. Na lógica dos foliões, a jornada, uma vez aberta, deve ser fechada para dar vez a uma nova jornada (e assim sucessivamente). O rito de entrega é a ocasião em que, de um lado, se demarca o encerramento de algo iniciado e, de outro, abre a possibilidade de um novo ciclo. Na perspectiva dos foliões, a entrega é obrigação incontornável, pois é nela que a folia de fato cumpre a sua jornada. (BITTER, CHAVES 2022, p239)

Para os autores, tanto quanto a entrega da faixa, a passagem da faixa também é uma obrigação e um dos fundamentos da folia (BITTER, CHAVES, 2022)



Na sequência, após a entrega da jornada, aconteceu a passagem de faixa, rito que instituiu Ronaldo como o novo mestre. Analisando os dois ritos do ponto de vista das temporalidades mobilizadas, enquanto a entrega constrói uma perspectiva temporal cíclica (com um início e um final que se repete a cada ano), a passagem da faixa parece acionar uma temporalidade mais alargada e contínua, articulando a folia atual com as anteriores (e futuras). Trata-se de um rito que ao mesmo tempo investe alguém na posição mais elevada da hierarquia do grupo, proporcionando assim mudanças e transformações na pessoa que recebe a faixa (no caso de Ronaldo, deixa de ser mestre de palhaço para se tornar mestre), possibilita a conexão entre ele e todos os outros que já ocuparam o posto. (BITTER, CHAVES, p240)

Em relação a essas afirmações, ao conversar com Daniel Fernandes ela me explicou que a Cantoria não realiza a passagem da faixa, mas realiza um ritual da entrega da folia quase sempre, mas que esse rito varia um pouco de ano para ano. No entanto, é de costume que o grupo que está na última casa da última jornada, às vezes no próprio local, às vezes depois na casa de algum folião (geralmente o Péricles), faça o ritual de fechamento da bandeira, onde a mesma é desamarrada do mastro, dobrada e guardada. Daniel conta que

só as vezes quando a coisa fica meio em aberto, acha que vai ter alguma coisa na casa de alguém / não vai ter, e aí às vezes não é feito em grupo, aí às vezes o Péricles com a Vânia fazem esse ritual lá na casa deles para fechar, mas a bandeira não é tirada da armação sem ritual, sempre tem algum rito para fechar. (FERNANDES, 2022, entrevista)

No entanto, ao questionar a Daniel sobre o que o grupo realizava de diferente de uma folia de reis, ela me explicou alguns pontos importantes

Nem de longe a gente se considera uma folia. Tem muita coisa que a gente não segue pra ser uma folia, né. Não tem um aspecto tradicional mesmo, a devoção é uma coisa muito ecumênica, assim demais... Enquanto numa folia você tem a maioria dos integrantes participando do mesmo nicho devocional, ou uma mesma igreja, ou o mesmo centro de umbanda, ou se benzem com o mesmo rezador, cada um ali tem uma maneira de se relacionar com o aspecto devocional, entre eles eu, que até hoje não decidi,

não parei pra pensar se eu sou ateu ou sou agnóstico e me relaciono com aquilo ali de uma maneira bem mais diferente, já outros são mais cristãos, enfim, então é bem ecumênico. E aí um dos aspectos centrais da folia a gente não segue que é sair por promessa (ou uma promessa já cumprida ou quando sai por promessa, sai por um aspecto devocional). Eu acho que realmente, por outro lado também, é isso, não é um espetáculo artístico no sentido mais comum do espetáculo artístico, então se for parar para pensar a gente se aproxima mais do aspecto devocional mesmo, ritualístico devocional do que um espetáculo artístico, mas nem de longe chega perto de uma folia. Então eu acho que é isso, só o fato da gente nunca ter saído por promessa já é um diferencial grande. (FERNANDES, 2022, entrevista)

Nessa dicotomia entre espetáculo artístico e folia de reis, no entanto, Daniel apresenta um outro lado muito interessante de compreendermos

Tem também outro aspecto que eu não falei que é muito diferente também em termos musicais e textuais que é: geralmente os mestres e os contramestres são os detentores das toadas e dos versos, né, então é quem sabe os cantos e passa para o grupo os cantos e é quem puxa os versos e quem escolhe qual profecia vai ser em cada casa ou improvisa os versos conforme a casa vai ser cantada lá. Então essa questão musical proeminente, assim, primeiro de ficar muitas vezes na mesma toada (uma única toada), ou de tradição, ou que o mestre aprendeu com quem ensinou pra ele, ou o próprio mestre inventou e fica aquela mesma, às vezes horas e horas, pra cantar uma profecia... e a questão dos versos que vai ser cantado nessa toada é o mestre que escolhe, qual vai ser a profecia, quais os versos dessa profecia vão ser cantados, se vai enxugar alguma coisa ou não vai, se ele vai improvisar alguma coisa relacionada a ocasião lá na hora ou não e a gente não tem isso, né. A gente faz um apanhado de fragmentos de várias toadas, de vários textos, e a gente canta esses fragmentos, assim. E faz um apanhado de várias músicas regionais, então tem uma ou outra composição e aí no formato canção mesmo, né, e não nesse formato... porque é uma coisa até certo ponto desvinculada, quer dizer, obviamente vinculado, mas você tem as toadas e tem os versos, então numa mesma toada você encaixar duas profecias diferentes, entendeu?

Você pode ter todo um texto lá que fala da fuga para o Egito, todo um texto que fala do Herodes, e aí são textos diferentes, são histórias diferentes narradas, mas se encaixam na mesma toada ali. Já as autorais que a gente tem, são composições-canções mesmo, aquela melodia para ser cantada com aquela letra especificamente, né. Então musicalmente é um diferencial

e no ritual também né, no que está sendo dito ali... e aí nesse aspecto da música, do que é apresentado musicalmente, a gente se aproxima mais de uma coisa do espetáculo: você faz um apanhado de canções, você pensa na beleza das canções, no efeito estético delas, então nesse aspecto é mais com critérios artísticos e de espetáculo do que o devocional de cantar uma profecia. (FERNANDES, 2022, entrevista)

No entanto, gostaria de esclarecer que no meu entendimento o fator determinante que faz com que essa manifestação realizada pelo Céu na Terra não seja uma folia de reis é o fato dos integrantes do grupo não a compreenderem como uma. Digo isso porque mais uma vez é importante levantar a questão da existência de múltiplas formas de ser uma folia e da necessidade de tomarmos conta para não definir de forma normativa o que é e o que deixa de ser essa manifestação cultural.

Vale destacar que em algumas conversas com membros foi possível compreender, por exemplo, que integrantes da Sagrada Folia da Mangueira compreendem a cantoria do Céu na Terra como uma folia. Como explicar esse fato? Alguns grupos de fora os vêem como folia e os próprios integrantes não.

Destaco que uma característica importante desse coletivo é a sua multivocalidade. Ao escutar em entrevista três membros (Jean Beyssac, Daniel Fernandes e Rita Gama) pude perceber isso, é evidente que nem todos pensam da mesma forma sobre todos os aspectos relacionados ao grupo, mas acredito que num geral, não se compreender como uma folia é antes de tudo uma postura política do grupo, que os coloca em outro lugar no conflito do que poderia se entender como apropriação cultural, por exemplo, ao se tratar de um grupo composto por uma burguesia folclórica.

Acredito que se afirmar como outra coisa que não uma folia é uma forma de demonstrar consciência do lugar de fala (compreensão do recorte de raça e classe em que está inserido o grupo) e dessa forma reduzir algumas tensões em torno das temáticas abordadas por José Jorge de Carvalho, por exemplo, como 'Espetacularização' e 'canibalização' das culturas populares (DE CARVALHO, 2010).

Neste caso, ao não se compreender como uma folia, no meu entendimento, o grupo minimiza as críticas externas e internas.

A cantoria do Céu na Terra não se propõe a ser uma adaptação, o coletivo compreende a folia de reis como uma inspiração, mas realiza uma criação autoral. Para Ritinha, por exemplo, “não saiu de lá pra virar algo aqui.... mas saiu da gente olhando pra lá” (GAMA, 2022, entrevista) e na minha percepção esta forma de estar no mundo antes de tudo demonstra um respeito e um genuíno interesse nessa manifestação cultural, mas coloca seus membros num lugar de brincantes e pesquisadores e não como foliões, o que sem dúvida os insere em outro local muito diferente dentro desta discussão.

### 1.3 As várias frentes do grupo Céu na Terra

Em 2008, Paulo Caldas, em sua monografia “O Núcleo de Cultura Popular Céu na Terra e sua relação com gêneros e repertórios musicais tradicionais” do curso de Educação Artística - Habilitação em Música da UNIRIO, mapeou as seguintes frentes realizadas pelo grupo:

- **A Orquestra Popular Céu na Terra** - que se apresenta em casas noturnas do Rio com um repertório voltado para tradições mais urbanas como o samba e as marchinhas de carnaval, dentre outros gêneros. É a frente mais ;profissionalizada do trabalho do grupo e é onde se manifesta mais fortemente o lado autoral do grupo, inserido no mercado fonográfico com o CD Bonde Folia (Dubas Música / Universal – 2007/2008). No dia 28 de maio de 2008 o Grupo conquistou, com o Cd Bonde Folia, o prêmio da 6ª edição do Prêmio Tim de Música como o melhor grupo na categoria “Popular”. O festival premiou grandes nomes do main stream do mercado fonográfico brasileiro, como os compositores Martinho da Vila e Paulinho da Viola, a cantora Fafá de Belém e a dupla Sandy e Júnior.

- **O Bloco de Carnaval Céu na Terra** – que chega a agregar cerca de 40 pessoas tocando, o Bloco é bastante famoso no carnaval do Rio juntando centenas de pessoas para brincar o carnaval. Sendo o repertório e a instrumentação uma parte do trabalho da Orquestra, o bloco reúne todos os integrantes da Orquestra e, na ocasião da gravação e lançamento do CD Bonde Folia, contou com a participação de diversos participantes do Bloco. O Bloco é um exemplo de frente de atuação não profissionalizada. Como não profissionalizada, entendo por não remunerada, desvinculada do mercado.

- **A cantoria de Reis** – versão própria do grupo para a folia de reis que, até onde foi observada, consiste numa comitiva dos integrantes que cantam um repertório de cantigas de folia de reis e da festa do Divino Espírito Santo, além de algumas composições próprias, em residências dos próprios integrantes e eventualmente em alguma comunidade ou localidade onde se encontrem laços com a tradição da folia de reis (encontros de folias, por exemplo). A cantoria é mais um exemplo de uma frente de atuação não profissionalizada.

- **O Pastoril** – que mistura aspectos do pastoril de Recife e de pastorinhas da região Sudeste, além de referências pessoais que não dizem respeito a nenhuma das duas tradições. É montado como um espetáculo tanto para teatro como para a rua. É uma frente de atuação profissionalizada e que concomitantemente guarda uma função festiva para os integrantes.

- **O cortejo da Paixão** – Realizado no dia seis de abril, no bairro de Santa Teresa, composto, em sua maioria, pelos integrantes da comitiva da cantoria de reis, consistiu numa encenação itinerante, com música, da Paixão de Cristo. O evento foi patrocinado pela Prefeitura e contou com obras de artistas plásticos, não integrantes do grupo, que serviam de cenário em diferentes pontos do caminho onde realizavam as cenas. O cortejo foi filmado pela Prefeitura, mas a gravação nunca chegou às mãos do grupo.

O Núcleo também possui um boi, mas este não foi documentado nem investigado nesta pesquisa (CALDAS, 2008, p11).

Atualmente, o Céu na Terra também atua com uma frente voltada para o público infantil chamada “Brinquedos Cantados”, que reúne alguns arte-educadores do grupo. Vale destacar que dentre essas frentes, a Cantoria de Reis é a única que não foi transformada num espetáculo, e por sua vez mantém muito mais uma dimensão ritual. A cantoria é, como afirmou Daniel Fernandes, um “espaço da ritualização, encontro das pessoas nesse outro sentido”.

Em termos de organização, o Céu na Terra tem o que eles chamam de “Núcleo”, que consiste num grupo com alguns membros do coletivo, composto principalmente por integrantes mais antigos, que cuidam dos recursos do grupo e funcionam como uma espécie de coordenação dos subgrupos que compõem a organização. No entanto, cada uma das frentes do grupo, compostas sempre por membros de dentro e de fora do Núcleo, possui sua própria coordenação (CALDAS, 2008). Em entrevista realizada com Jean Beyssac de forma online no dia 8 de junho de 2022, pude compreender que da mesma forma acontece com o dinheiro: o Céu na Terra tem uma “caixinha” que é alimentada com uma porcentagem de todas as

apresentações que acontecem utilizando o nome do grupo (que tem como principal objetivo dar conta dos custos do CNPJ do grupo), mas todos os subgrupos também têm suas “caixinhas” próprias e dessa forma tem uma certa independência sobre a gerência desse recurso.

Acho interessante a análise de Paulo Caldas sobre o Céu na Terra quando ele afirma que a proposta do grupo não é de reproduzir as tradições, e identifica que não há uma profunda preocupação com o “autêntico” ou com “a utilização de suas pesquisas para alcançarem alto grau de fidelidade às fontes” (CALDAS, 2008, p12). Para Caldas, o grupo toma as tradições que pesquisa e vivência “como influência e alimento de sua própria produção e expressão artística, tendo em seu repertório não só músicas da tradição urbana e rural, mas também composições próprias seguindo essas estéticas”. (CALDAS, 2008, p12).

No importante trabalho realizado por Paulo Caldas sobre o grupo Céu na Terra há uma passagem que eu gostaria de destacar:

Mesmo em se tratando de um grupo inserido no mercado fonográfico, com cd sendo distribuído por um selo, com os shows e bailes noturnos e escassas vendas de outros trabalhos, o Céu na Terra passa bastante dificuldade financeira. Às vezes, não consegue arcar com as despesas do próprio grupo. O grupo já teve uma sede, alugada por três anos (na Rua do Oriente, 414, em Santa Teresa), onde armazenava todo o seu material, realizava ensaios, e, pouco frequentemente, oferecia oficinas. Os recursos não foram suficientes para que pudesse manter a sede, que foi entregue no fim do ano passado (2007). Passaram então a ensaiar e armazenar seus materiais em lugares cedidos por amigos. Assim sendo, os integrantes não podem contar somente com o retorno financeiro do grupo. (CALDAS, 2008, p 12)

Acredito ser importante trazer esse trecho para essa pesquisa visto que ele evidencia que, apesar de ser um grupo de classe média, com membros em sua maioria com ensino superior completo e etc, é importante destacar que o grupo passa com frequência por dificuldades financeiras, informação essa que pode não ficar evidente para quem observa de fora. Fica claro que seria insustentável, por exemplo, que os membros se sustentassem única e exclusivamente dos recursos do projeto.

Os integrantes do Céu na Terra são professores de escolas, professores universitários e/ou músicos que atuam em outros grupos musicais, como em seus

próprios projetos artísticos pessoais ou em outros coletivos de cultura e vale destacar que nenhum dos membros do grupo trabalha exclusivamente no Céu na Terra. O grupo, por sua vez, com suas tantas frentes, acaba por ocupar um complemento de renda na vida de seus integrantes.

#### **1.4 A cantoria antes da pandemia**

Visto que minha pesquisa se propõe a pensar os impactos da pandemia nessa manifestação cultural, é necessário que seja evidenciada como se davam as práticas desse coletivo antes de 2020, para, dessa forma, no capítulo seguinte podermos dimensionar melhor como a dinâmica do grupo foi afetada.

Como abordamos anteriormente, o Céu na Terra é composto por diversos subgrupos, como o bloco, o pastoril e a cantoria. O grupo costuma abrir seu ciclo natalino com a realização do pastoril, dia 24 de dezembro, no Largo do Machado. Apesar de fazer parte do mesmo universo simbólico, os integrantes que compõem essa apresentação não são necessariamente os mesmos da cantoria. No entanto, é curioso observar que diversos foliões coexistem em ambas as manifestações (SANTOS, 2022). Ao assistir o pastoril, o bloco e a cantoria, por exemplo, é possível observar a presença de diversos membros em comum, como Jean, Ritinha, Norma, entre outros. Em um primeiro momento, no início da pesquisa, eu acreditava que os integrantes eram sempre os mesmos, mas analisando com mais atenção e calma é possível observar que há uma variação grande, apesar de algumas pessoas fazerem parte de mais de uma formação.

Por volta do dia 26 de dezembro, o grupo da cantoria costumava rumar para algum interior, normalmente no Estado do Rio de Janeiro ou no sul de Minas Gerais, onde todos dormiam juntos em algum local, como uma escola, por exemplo, para passar cerca de uma semana numa imersão foliã de visitas às casas dos devotos. O grupo costumava regressar ao Rio de Janeiro por volta do dia 2 de janeiro, quando emendavam nas visitas às casas cariocas, casas essas que podiam ser tanto de membros do próprio grupo, amigos de amigos ou devotos menos conhecidos que entravam em contato com eles pedindo que levassem a bandeira em uma visita

durante o ciclo natalino.

O ciclo da Cantoria do Céu na Terra, assim como de muitos grupos cariocas, acontece até 20 de janeiro, o dia de São Sebastião, padroeiro da cidade. É importante destacar que ao fim do ciclo natalino, no entanto, começa a correria para o carnaval, com muitos ensaios e preparativos para a saída do bloco que costuma ir para a rua duas vezes, uma no chamado pré carnaval (que costuma ocorrer durante todo o mês que antecede o feriado) e outra no carnaval em si<sup>16</sup>. O subgrupo do bloco também conta com um formato de banda que se apresenta em outros tipos de evento nesse período, como festas, por exemplo.

Explícito essa logística dos festejos do grupo como forma de evidenciar a intensa dinâmica vivenciada pelos integrantes do coletivo no período de dezembro ao fim do carnaval, que muitas vezes se assemelha à uma maratona, devido a quantidade de modalidades e da velocidade com que os integrantes precisam se organizar nesses meses. No entanto, essa maratona sofreu profundas mudanças e foi totalmente modificada devido à pandemia. Outro motivo pelo qual acho essa logística importante de ser evidenciada, é devido a ser possível, através dela, expor a forma como esses diversos subgrupos do Céu na Terra se entrelaçam na prática (SANTOS, 2022).

Ao compreender sobre o processo de formação do núcleo da Cantoria, é evidente que houve uma clara influência das folias mineiras na formação do grupo, o que impactou bastante o formato que eles seguem até hoje. Quando analisamos a maioria das folias do estado do Rio de Janeiro, como falei anteriormente, podemos perceber uma presença intensa de muito mais percussão do que quando assistimos a cantoria do Céu na Terra, em que conseguimos ouvir com destaque as violas e a sanfona, por exemplo.

---

<sup>16</sup> Oficialmente esse feriado móvel, que ocorre em fevereiro ou março, acontece numa segunda e numa terça-feira, mas ao incluir o sábado e o domingo, acabam sendo considerados 4 dias de carnaval. Há quem considere que são até 5, mas a quarta-feira de cinzas, o dia seguinte ao Carnaval, não é feriado, apenas ponto facultativo até as 14h.





Figura 5: Registro de Ana Cristina Vargas feito em 2019 com a bandeira e alguns instrumentos da Folia do Céu na Terra

Nas folias da região de Miguel Pereira e Paty de Alferes, por exemplo, é possível observar, que apesar da existência de instrumentos de corda como violão e cavaquinho, o som que ecoa forte para o público é fruto da grande presença de percussões em sua maioria de metal e nylon, enquanto na cantoria do Céu na Terra conseguimos observar que os instrumentos são praticamente todos compostos por madeira e couro, o que impacta fortemente a sonoridade.

Na imagem abaixo, podemos observar três homens negros com a mesma farda, preta e amarela que muita se assemelha à um uniforme militar. Ao centro da foto, um palhaço da Bandeira Estrela da Paz, da Granja Califórnia. Os dois foliões, atrás e na frente do palhaço, se apresentam um tocando cavaquinho e o outro, uma caixa.



Figura 6: Registro da Bandeira Estrela da Paz, da Granja Califórnia, feito por mim em Miguel Pereira no dia 5 de janeiro de 2022.

Já no registro a seguir, da Cantoria do Céu na Terra, é possível observar que o grupo veste roupas brancas, mas não padronizadas e a bandeira e os instrumentos enfeitados com fitas de cetim coloridas. Todos os membros do registro são brancos e os instrumentistas tocam dois pandeiros de couro, dois violões e uma flauta doce.



Figura 7: Registro de Daniel Fernandes feito em 2017 numa das cantorias do Céu na Terra



Figura 8: Registro de Marcelo Valle feito em 20 de janeiro de 2020, na cantoria do dia de São Sebastião

A Cantoria do Céu na Terra costuma fazer visitas a diferentes públicos, desde pessoas menos favorecidas economicamente, quanto pessoas mais privilegiadas. No Rio, em certa ocasião, a Cantoria visitou a casa do próprio Daniel e destaco abaixo um trecho de seu relato sobre essa experiência

Uma experiência muito marcante para mim foi receber a cantoria. Acostumado a ir na casa dos outros, fui receber aquele negócio que eu já tô careca de saber como é, conhecendo todas as músicas, conhecendo todo mundo, aparentemente novidade nenhuma... Mas quando foram entrando na minha casa foi uma choradeira, uma emoção muito forte. Essa coisa de receber e aquele coro entrando e tem as sonoridades que vão passando, uma coisa muito viva, não é aquela coisa que a gente está acostumado a ouvir de uma sonoridade estática ou no palco. É uma coisa muito viva! De repente passa a viola por você e de repente tem uma caixa do seu lado e aquele coro vai entrando e começam umas vozes magrinhas e de repente vai entrando aquelas vozes todas dentro da casa. E estar junto, não num palco, é estar ali junto com a vivência que está rolando. É um mergulho na música muito intenso, é um oceano de vibrações que você entra e é tomado por todos os lados e aí é muito forte, com essas letras que falam disso, do renovar, da esperança, do nascimento. (Daniel Fernandes, em entrevista realizada no dia 25 de novembro de 2021)

Ao longo da pesquisa foi possível compreender a dimensão ritual dessa manifestação para os membros do coletivo Céu na Terra e abordaremos mais profundamente essa temática no segundo capítulo.

### **1.5 A emergência dos grupos em torno da cultura popular**

Trago para essa pesquisa alguns pensamentos de Elizabeth Travassos que podem nos ajudar a pensar acerca da identidade do grupo Céu na Terra. No artigo *Música Folclórica e Movimentos Culturais*, escrito em 2001 pela antropóloga, ela se propõe a discutir a redescoberta contemporânea da música e da cultura folclórica brasileira por músicos urbanos da classe média, tendo como objetivo principal, compreender do ponto de vista antropológico, o interesse por expressões musicais que até então não haviam sido absorvidas pela indústria cultural (TRAVASSOS, 2001).

Vale trazer à tona, no entanto, algumas tensões acerca do termo “folclore”, utilizado pela autora. Tendo a concordar com uma postura crítica ao uso do mesmo,

e trago um trecho do discurso de posse de Gilberto Gil ao Ministério da Cultura em 2003, em que ele se posiciona de uma forma que se aproxima do que acredito em relação a essa questão

ninguém aqui vai me ouvir pronunciar a palavra "folclore". Os vínculos entre o conceito erudito de "folclore" e a discriminação cultural são mais do que estreitos. São íntimos. "Folclore" é tudo aquilo que não se enquadrando, por sua antigüidade, no panorama da cultura de massa é produzido por gente inculta, por "primitivos contemporâneos", como uma espécie de enclave simbólico, historicamente atrasado, no mundo atual. Os ensinamentos de Lina Bo Bardi me preveniram definitivamente contra essa armadilha. Não existe "folclore" o que existe é cultura.

Cultura como tudo aquilo que, no uso de qualquer coisa, se manifesta para além do mero valor de uso. Cultura como aquilo que, em cada objeto que produzimos, transcende o meramente técnico. Cultura como usina de símbolos de um povo. Cultura como conjunto de signos de cada comunidade e de toda a nação. Cultura como o sentido de nossos atos, a soma de nossos gestos, o senso de nossos jeitos<sup>17</sup>.

No entanto, apesar de ter críticas ao termo, ao longo do texto usarei "folclore" visto que é a palavra utilizada pela autora.

Antes de adentrar mais profundamente o pensamento de Elizabeth Travassos, gostaria de destacar que aciono o conceito de identidade nesta pesquisa para compreender quais motivações fazem com que esses sujeitos cariocas, moradores em sua maioria do centro dessa grande metrópole que é o Rio de Janeiro, se identifiquem com essa manifestação cultural e o que faz com que eles façam dela uma prática para vida, feita com devoção, brilho no olho e seriedade?

O que num primeiro olhar pode parecer incoerente é explicado pelo teórico cultural e sociólogo britânico-jamaicano Stuart Hall (2006). Para o autor, as identidades não são nunca unificadas, são estratégicas e posicionais e "o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas

---

<sup>17</sup> Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u44344.shtml>>, acesso em 09/08/2022.

vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 2006, p.12-13). Hall (2006) defende que as identidades não são estáticas, são mutáveis e estão em constante movimento.

Acredito que sobre isso se faz importante recorrer também às ideias de Michael Pollak (2006) sobre a memória e a identidade social desses personagens. Para o autor, mais do que um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa, a “memória deve ser entendida também, ou, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes” (POLLAK, 1992, p.2). Michael Pollak (1992) destaca que a memória individual ou coletiva pode ser constituída tanto por acontecimentos vividos pessoalmente quanto por acontecimentos “vividos por tabela”,

ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada. (POLLAK, 1992, p2).

Podemos usar esse estudo de Pollak (1992) para ajudar a pensar sobre o fato de que, apesar de seus personagens não terem nascido dentro do ritual das folias e dessa forma não sendo a festa um elemento tradicional da comunidade que fazem parte, o grupo criou ali um processo de identificação com uma cultura que a princípio não lhe era próxima até pouco tempo, criando inclusive memórias coletivas dessa tradição.

Quando Wagner e Joana, por exemplo, voltam de Minas Gerais cheio de fita cassetes com cantorias de Folia de Reis, recheados de histórias emocionantes e profundamente atravessados emocionalmente por todo esse universo, todo o grupo

se contagia com isso e mesmo sem ter participado dessa viagem e dessas experiências, sentem, por tabela, que vivenciaram um pouco disso tudo.

Em seu trabalho, Paulo Caldas (orientado por Elizabeth Travassos) coloca em pauta essa compreensão do grupo Céu na Terra dentro do cenário de emergência de grupos de classe média em torno da cultura popular, explicitando que a apropriação de música tradicional não é um fenômeno inédito (CALDAS, 2008)

Principalmente no caso do Brasil, o recurso à música popular de tradição oral foi muito utilizado, vinculando-se, aliás, a uma tradição ideológica e estética de valorização das formas populares, que remonta ao romantismo. Esta valorização das tradições musicais populares tornou-se novamente visível nos anos 1990 e, conseqüentemente, desencadeou a formação de um mercado da tradição popular, constituído de uma ampla rede de mediadores dessas tradições junto ao público urbano. (CALDAS, 2008)

Ao caracterizar o movimento de emergência de grupos de cultura popular oriundos das classes médias urbanas, Elizabeth Travassos identifica que são variados os sintomas desse novo prestígio do folclore entre os artistas. Desde músicos cujo trabalho está evidentemente vinculado às tradições, como Zeca Baleiro e Mestre Ambrósio, oriundos de capitais do nordeste e com impacto nacional, mesmo sem migrarem para o Sudeste (movimento obrigatório de músicos nordestinos em épocas anteriores) (TRAVASSOS, 2001).

Surgem também, especialmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, grupos que se dedicam aos repertórios folclóricos e se inspiram nos chamados folguedos populares (bumba-meu-boi, maracatu, pastoril etc.). Envolvem estudantes universitários e aliam as atividades artísticas a pesquisa de campo e bibliográfica sobre cultura popular. Tem esse perfil os grupos A Barca (São Paulo) e Mundaréu (Curitiba), entre outros. (TRAVASSOS, 2001)

Na tentativa de caracterizar o movimento contemporâneo, Elizabeth Travassos destaca alguns aspectos, todos inter-relacionados, a serem observados nos grupos que fazem parte desse movimento: busca arqueológica de repertórios, viagens de pesquisa e recriação do ambiente de festa popular (TRAVASSOS, 2001). É possível observar todos esses itens no relato que fiz anteriormente sobre o surgimento da cantoria do Céu na Terra.

Acho essencial trazer essa reflexão para esta pesquisa, visto que trata-se de um estudo sobre um grupo formado por pessoas intelectualizadas, de maioria pertencentes a classe média e brancos realizando uma manifestação cultural que tem como base a Folia de Reis. É evidente que o fato do próprio grupo não se compreender como uma folia e sim como uma cantoria muda tudo. A partir do momento que os integrantes compreendem e comunicam que não estão se propondo a ser mais um grupo dessa manifestação cultural e sim praticar uma releitura baseada nesse folguedo, cria-se então o que posso chamar “licença poética”, que dá margem para que sejam feitas diversas adaptações.

No entanto, apesar dessa característica importante do Céu na Terra, gostaria mesmo assim de evidenciar alguns pontos: enquanto nas folias a transmissão de conhecimento costuma ser oral e corporal, envolta numa pedagogia da prática e do aprendizado concreto, em um grupo como o Céu na Terra o aprendizado é muito mais mesclado com a pesquisa, o letramento e a tecnologia. No entanto, o que poderia ser colocado em um lugar menor por parte de outros grupos de Folia de Reis, é posto num lugar extremamente bonito e curioso de troca e admiração: grupos como a Folia de Reis do Morro da Formiga e do Santa Marta recebem com frequência a cantoria do grupo Céu na Terra e juntos formam uma irmandade e é a dimensão dessa complexidade que eu gostaria de provocar.

No meu entendimento alguns pontos são essenciais para a forma como o grupo é recebido por outras folias: nas conversas com os membros pude perceber que o Céu na Terra se coloca sempre como um grupo que está aprendendo, e creio que a forma como se chega em um lugar é determinante para a dinâmica de relações que se estabelecerá a partir daí, além disso, é necessário destacar aqui as dimensões da pesquisa e da seriedade com que é feito esse trabalho. Outro elemento que no meu entendimento torna o cenário muito interessante é o fato que mencionei anteriormente, da cantoria de Reis não ter sido transformada em um espetáculo pelo grupo e ocupar um outro lugar, com uma dimensão muito mais ritualística.



## **2 – O ANO EM QUE A FOLIA NÃO SAIU: uma análise sobre a adaptação necessária nos festejos populares devido à pandemia<sup>18</sup>.**

Neste presente capítulo pretendo abordar as manifestações populares que, apesar do caos da pandemia, insistiram em encontrar formas de ritualizar suas datas. Busco nesta parte da pesquisa, abordar alguns autores que escreveram textos ao longo da pandemia sobre como os grupos ou manifestações populares têm se organizado neste momento.

Em um segundo momento do capítulo, proponho explicitar as formas que o grupo encontrou para ritualizar o ciclo natalino sem sair oficialmente. Quando digo "oficialmente" estou me referindo ao fato de que, apesar de os foliões terem feito celebrações virtuais, como veremos melhor a seguir, é importante destacar que a bandeira da folia, um dos símbolos mais fortes do grupo, ficou guardada, demonstrando assim a posição oficial do grupo: em 2020/2021, pela primeira vez em vinte anos, a folia do Céu na Terra não saiu<sup>19</sup>.

### **2.1 - A pandemia do COVID-19**

O ano de 2020 foi marcado por uma tragédia mundial, a pandemia do vírus SARS-Cov-2, com alto potencial de contágio, e que impôs afastamento físico e isolamento presencial como forma de diminuir suas graves consequências. Na quarta feira, dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial da saúde fez sua declaração oficial da pandemia da COVID-19 e partir deste momento todas as celebrações que ocorreriam em 2020 se viram impedidas e/ou limitadas pelos cuidados sanitários relativos à contenção da disseminação do vírus (CAVALCANTI, GONÇALVES, 2021, p8).

---

<sup>18</sup> Ao longo do processo desta pesquisa, esse capítulo foi publicado como artigo "O ano em que a folia não saiu: o caso da cantoria do Céu na Terra no ciclo natalino de 2020/2021", no v. 9 n. 16 (2022): Dossiê: "Estratégias de devotos e brincantes para a religiosidade em tempos de pandemia" da Revista Equatorial, disponível em <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/26476/15408>, acesso em 30/08/2022.. Vale destacar que desde essa publicação, algumas alterações foram feitas no texto que se encontra nesta presente dissertação.

<sup>19</sup> Estas informações sobre o grupo foram obtidas através de netnografia e da entrevista realizada com a integrante Rita Gama.

As antropólogas Maria Laura Cavalcanti e Renata de Sá Gonçalves são certeiras ao afirmar na apresentação do livro “A falta que a festa faz” que

No Brasil de 2020/21 – enquanto epidemiologistas e profissionais de saúde se empenhavam em divulgar pelas redes televisivas e pelos canais sociais medidas de prevenção diante dos graves riscos da expansão pandêmica; enquanto cientistas de diversas partes do mundo alcançavam em tempo recorde vacinas eficazes para proteção contra a alta capacidade de contágio do vírus em suas distintas variantes –, os desmandos negacionistas da condução da saúde pública por parte do governo federal – que por vezes encontrou apoio em equivocadas políticas de saúde estaduais e municipais – tornaram confuso e ainda mais incerto o cenário das expectativas festivas do ponto de vista de seus atores.

As festas que se sucederam no calendário da cultura popular tradicional recolheram-se na incerteza quanto às possibilidades de sua realização plena. Sabemos que sua preparação e realização se inserem no calendário cíclico e repetitivo que entrecruza o calendário histórico, e este, por sua vez, segue sempre em frente. A cada ano os processos rituais concretos, dos quais as festas são a culminância, retornam; ao fazê-lo revivem sentidos cosmológicos, retornam; ao fazê-lo revivem sentidos cosmológicos e ressignificam a experiência coletiva de múltiplos grupos e segmentos sociais. (CAVALCANTI, GONÇALVES, 2021, p9).

Enquanto pesquisadoras de festas populares no período da pandemia, as autoras identificaram que o ideal era focalizar em questões mais específicas, como “o que esperar dos ambientes festivos sempre tão cheios de trabalho, promessas, dívidas, trocas, conagraçamentos, disputas? O que poderia ser adiado? O que permaneceria e o que mudaria no contexto de tantos impedimentos e limitações?” (CAVALCANTI, GONÇALVES, 2021, p16).

Para elas, e tendo a concordar plenamente, visto que vivenciei processos muito parecidos, um dos desafios mais perturbadores era justamente compreender como realizar pesquisa de campo em tempos de festas com apenas alguns componentes ou “adaptadas de forma insuspeitas” dentro desse contexto pandêmico que, de surpresa, chegou e mexeu com as estruturas de todos nós (CAVALCANTI, GONÇALVES, 2021, p16).

A celebração das festas em sua data crítica implica encontros que inter-relacionam de dezenas a milhares de pessoas. Em suas diferentes escalas, das menores e mais familiares às mais grandiosas, as festas ocupam casas, quintais, terreiros, adros, praças, sambódromos, bumbódromos e requerem trânsito entre cidades e mesmo países. As pequenas movimentam redes familiares, de vizinhança e de amigos. As maiores mobilizam expressivo número de participantes e turistas, demandam recursos e patrocínios financeiros significativos, movimentam a economia. Seu preparo envolve ofícios diversos, vários empregos e sustento de muitos grupos e pessoas; trazem comidas, músicas, danças características. Como passar o ano sem ocupar territórios e lugares e sem transitar por entre eles? Como não caminhar pelas ruas, vivenciar a brincadeira ou a devoção, pagar a promessa, cantar e dançar juntos? (CAVALCANTI, GONÇALVES, 2021, p17).

É muito importante poder trazer pensamentos de autores que, assim como eu, já estudavam os festejos populares e se viram de repente completamente atropelados pela pandemia. Em um primeiro momento, achei, por exemplo, que minha pesquisa teria de mudar totalmente, visto que o grupo pesquisado não iria mais realizar seu ritual da mesma forma. No entanto, evidentemente os objetos de pesquisa, assim como nós pesquisadores, passaram por momentos muito complexos nesse período, tentando justamente compreender qual seria a melhor solução para a situação. Dessa forma então, compreendendo como imensamente rico esse processo de justamente precisar se reinventar, vivenciado pelos grupos, tornou-se muito importante seguir pesquisando, no meu caso, o Céu na Terra e justamente poder acompanhar e elaborar sobre esse tão atípico período que estavam passando e os impactos disso tudo para o grupo como um todo.

Acredito na noção da festa como propiciadora do restabelecimento da ordem ou negação dela (AMARAL, 2020) e tendo compreendido a pandemia do COVID-19 com noções semelhantes. Uma doença que tanto coloca as pessoas dentro de suas casas, limita os contatos físicos, cancela eventos aglomerados e estabelece uma certa “ordem”, ao mesmo tempo que desordena toda uma organização de sociedade

quando se alastra pelo mundo. Para mim, a festa e mais especificamente a folia de Reis, impõe uma certa ordem. Existe toda uma organização envolvida. O que cantar, como andar, como se vestir, o que carregar, quando sair. Mas existe também a quebra dela quando a cantoria da folia ocupa as ruas tocando e entrando por entre as casas dos devotos.

## **2.2 - Uma rede em festa**

Quando digo que a cantoria do Céu na Terra “não saiu” este ano, me refiro ao fato do grupo não ter saído fisicamente. Sendo a folia um festejo popular de caráter presencial e coletivo, em tempos não pandêmicos a Cantoria do Céu na Terra atravessava o ciclo natalino, que acontece de 24 de dezembro a 20 de janeiro, realizando visitas às casas dos devotos e apresentando a cantoria em equipamentos culturais. Dessa forma, é possível compreender que o ciclo natalino de 2020/2021 foi um marco para os foliões do grupo, que pela primeira vez em 20 anos não saíram para as ruas com sua bandeira.

É interessante entender como a não realização de um dos ciclos de um ritual pode impactar diversos festejos populares brasileiros. Originalmente, a Folia de Reis, por exemplo, acontece a partir de promessas aos Santos Reis, que tem como “pagamento” que o folião contribua com a realização da folia pelos sete anos seguintes. Como interromper esse ciclo?

Em um ano pandêmico alguns elementos de festejos populares foram deslocados do território original, ou seja, presencial e coletivo, para o meio virtual. “Como consequência, um misto de alegria e tristeza fizeram-se presentes, sendo perceptível a vontade do público de estar em seu lugar e constituir seus territórios e territorialidades” (CORRÊA, 2020, p. 14). O autor Johnatan Corrêa (2020) discorrendo sobre as festas silenciosas em tempos de pandemia e a forma que alguns grupos populares encontraram para fazer seus cultos, afirma que os territórios festivos não ficaram sem seus símbolos básicos. Dessa forma, não foi totalmente proibido que os rituais acontecessem, desde que não houvesse aglomeração para que fossem realizados. Corrêa (2020) expõe sobre o caso das Festas para São Benedito em Machado, Minas Gerais, onde, por exemplo, “foi comum (...) ter alguém

sentado próximo ao cruzeiro e ao mastro esperando um momento oportuno para fazer suas orações” (CORRÊA, 2020, p. 15). O autor ainda detalha:

foi realizada uma *live* que durou 3 dias com os ternos da cidade, organizada pela prefeitura com objetivo de homenagear São Benedito e sua festa. Para o acontecimento da *live*, protocolos de segurança foram estabelecidos, cada terno só poderia participar com sete integrantes. Foi um momento de saudades, homenagens, catarses e hierofanias. (CORRÊA, 2020, p. 15)

Outros dois autores que escreveram sobre festejos que não aconteceram como de costume devido à pandemia foram Lucas Bártolo e João Gustavo Martins Melo de Sousa no artigo “Notas sobre as escolas de samba e a pandemia do novo coronavírus” (2020). Nesse texto, os autores relatam sobre o enredo lançado online para 2021, pela Unidos do Viradouro, na época campeã do carnaval carioca: “Não Há Tristeza que Possa Suportar Tanta Alegria”, que aborda o carnaval de 1919, o primeiro depois da Primeira Guerra Mundial e da gripe espanhola:

O título refere-se à marchinha homônima lançada naquele carnaval, que se não foi o maior de todos os tempos, como é lembrado pelos cronistas, foi aquele em que o samba assumiu o protagonismo da festa e que nos apresentou o Cordão do Bola Preta. Escritores, como Nelson Rodrigues, relatam em suas memórias que o motivo para tamanha euforia era que a cidade não suportava mais chorar a dor das perdas causadas pela epidemia que assolou o mundo e matou entre 50 e 100 milhões de pessoas em diversos países. No Rio de Janeiro, então com um milhão de habitantes, estima-se que 600 mil foram contaminados e, destes, 15 mil morreram. Mal acabara de contar os mortos pelo vírus Influenza, o Rio de Janeiro saiu às ruas para se esbaldar nos salões, nos clubes, no calor das ruas, nos grandiosos desfiles das grandes sociedades, nos cortejos motorizados dos corsos, como se fosse o último Carnaval das suas vidas, brincando com estandartes e músicas que aludiam aos fatos da dolorosa epidemia (SANTOS, 2006, p. 139 *apud* BÁRTOLO; SOUSA, 2020, p. 8).

Acho importante ainda a percepção dos autores quando, no mesmo texto, afirmam que “equivoca-se quem lê como normalização insensível o lançamento de um enredo para o próximo carnaval” (BÁRTOLO; SOUSA, 2020, p. 8), visto que estamos em plena pandemia, com a suspensão da temporalidade rotineira e as normas sociais desestabilizadas. Para esses autores, sonhar e elaborar planos para o carnaval, do qual não se tem certezas nem de quando, nem de como acontecerá, aparenta ser um esforço dos sambistas e artistas carnavalescos em dar prosseguimento a um processo ritual pelo qual constroem a principal manifestação simbólica coletiva do país (BÁRTOLO, SOUSA, 2020). Logo, assim como a Folia de Reis, o carnaval também tem seu ciclo de vida e morte e está tendo de encontrar formas de reinventar a celebração da festa. O

carnaval morre e nasce a cada ano, morre e nasce a cada cortejo, a cada desfile, a cada bloco (FUKS, 2021). Os agentes do carnaval por sua vez, acostumados ao ciclo anual de morte e renascimento, têm empreendido a renovação das escolas de samba, que desde a sua criação morrem e ressurgem (BÁRTOLO; SOUSA, 2020), ou, concordando com termos de Bártolo e Sousa (2020): “é dos escombros do real que poderá nascer o sonho do próximo desfile” (p. 9).

Sobre essa insistência em seguir encontrando formas de ritualizar nossas datas em meio ao caos desta pandemia, trago alguns pensamentos do historiador Luiz Antônio Simas (2021). Em um texto escrito em 2021 para o site do Instituto para Reforma das Relações entre Estado e Empresa (IREE), o autor defende que há quem desconfie das festas e as encare como celebrações que alienam as comunidades das situações complicadas do cotidiano, compreendendo-as como ritos de esquecimento sem maiores profundidades e por sua vez, há também “quem confunda festas com eventos desprovidos de sentidos mais amplos que o da mera celebração de datas estabelecidas pelo calendário” (SIMAS, 2021, online). No entanto, para o autor, os festejos populares são “como ritos de reavivamento de laços sociais” (SIMAS, 2021, online). Assim como a antropóloga Mariza Peirano (2003) compreende o ritual como um fenômeno especial da sociedade, que por sua vez nos aponta e revela representações e valores da mesma, iluminando e ressaltando o que já é comum a um determinado grupo, no mesmo texto citado anteriormente, Simas compreende que as festas dizem muito sobre as sociedades que as festejam (SIMAS, 2021).

Portanto, podemos observar, através desses autores, que nesses festejos, principalmente se tratando de tempos marcados pelo arruinamento dos sentidos comunitários da vida, que o indivíduo se dissolve novamente na coletividade, fortalecendo seus sentimentos de pertencimento, articulando suas sociabilidades e construindo redes de proteção social (SIMAS, 2021). Assim como refletido pela autora e pelos autores supracitados, podemos apreender dois importantes pontos: 1) o ato de festejar é ato de insurgência “contra a desumanização, o individualismo e a decadência da existência como experiência compartilhada” (SIMAS, 2012, online); 2) mesmo que o momento atual não seja hora de festejar, o momento futuro há de ser, por isso devemos seguir lutando cotidianamente para “fuzuês futuros” onde “haveremos de chorar os nossos mortos e, ao mesmo

tempo, reafirmar a vida com subversiva alegria” (SIMAS, 2012, online), pois

A reconstrução do Brasil como nosso lugar no mundo – que haverá de vir a partir da luta contra o projeto de morte que cravou em Brasília a sua foice sinistra e desencantada – demandará um exercício (a partir do luto) ao mesmo tempo político, poético e transgressor. Quero crer que parte dessa reinvenção virá do redimensionamento dos ritos coletivos de afirmação da vida como experiência, ao mesmo tempo, de dor e gozo (SIMAS, 2021, online).

Ou seja, a insurgência no luto de encontrar brechas para realizar o festejo, mesmo que em um formato bem menos vibrante, nos ajuda a entender esse momento como provisório sem largar de mão o ritual e seguir sonhando a folia de amanhã. Em outras palavras: é estratégia para resistir aos tempos difíceis e ferramenta política para manter nossa cultura de pé.

### 2.3 - O caso da Cantoria do Céu na Terra no ciclo natalino de 2020/2021

Em sua tese sobre as folias no Estado do Rio de Janeiro (realizada antes da pandemia), Luiz Gustavo Mendel Souza (2020) conta que durante sua banca foi questionado sobre o motivo de se estudar Folia de Reis na atualidade e defendeu que

Não há, necessariamente, uma resposta para isso, mas há a possibilidade de reflexão sobre o porquê de as folias de reis atraírem nossa atenção nos dias de hoje. Nesse sentido, perguntaria como um conjunto formado por aproximadamente vinte cantores e instrumentistas com idades que variam de 4 a 70 anos consegue se organizar e realizar suas práticas rituais em meio a um contexto rural ou urbano? Que motivação moveria a manutenção e a continuidade dessas manifestações? E, o mais importante, o que nos encanta ao enxergarmos suas cores e ouvirmos o soar de seus instrumentos? (SOUZA, 2020, p. 44)

Trago este trecho da tese de Souza (2020) para abordar justamente a dimensão da folia na vida de seus foliões. A força e o poder que esse ritual tem para os sujeitos que constroem suas práticas rituais. É um pouco dessa energia que pude captar ao longo da minha netnografia realizada no ciclo natalino de 2020/2021 com o grupo Céu na Terra e que falarei mais profundamente a seguir. A experiência do ciclo natalino de 2020/2021, o primeiro em 20 anos em que a Cantoria do Céu na Terra não saiu de forma presencial, acontecendo apenas em formato online, foi com certeza um marco na história do grupo. Pretendo abordar a seguir justamente a interrupção de uma tradição ou pelo menos, do formato dela.

Utilizo a palavra “ritual” diversas vezes ao longo do meu texto para me referir à Cantoria do Céu na Terra, e acredito que ao utilizar esse termo seja possível auxiliar a compreensão da relação dos membros deste grupo com essa manifestação cultural e dessa forma captar melhor o impacto que esses sujeitos sofreram devido a não realização da celebração como de costume. No entanto, todo o relato etnográfico que farei a seguir, vem como forma de evitar uma definição rígida e absoluta desse ritual, visto que como orienta a antropóloga Mariza Peirano, “a compreensão do que é um ritual não pode ser antecipada”, precisa ser etnográfica, ou seja, percebida pelo pesquisador em campo junto ao



grupo que ele observa (PEIRANO, 2003, p. 2).

A autora afirma que

em todas as sociedades, existem eventos que são considerados especiais. Na nossa, por exemplo, distinguimos uma formatura, um casamento, uma campanha eleitoral, a posse de um presidente da república, e até mesmo um jogo final da Copa do Mundo como eventos especiais e não-cotidianos. Quando assim vistos, eles são potencialmente “rituais”. O pesquisador deve, portanto, desenvolver a capacidade de apreender o que os nativos estão indicando como sendo único, excepcional, crítico, diferente (PEIRANO, 2003, p. 2).

Trago este ponto para deixar evidente que uso o termo “ritual” por compreender que é dessa forma que os brincantes da Cantoria do Céu na Terra a enxergam e acredito que o relato etnográfico a seguir poderá deixar explícita esta afirmação. No ciclo natalino de 2020/2021, o grupo optou por celebrar seu ritual através de uma série de “lives”<sup>20</sup> transmitidas pelo Youtube.

Em meu primeiro contato com Rita Gama, uma das integrantes da folia, fui convidada a assistir alguns materiais que já estavam disponíveis nas redes e outros que ocorreriam nos próximos dias. Em termos de metodologia, resolvi seguir o conselho de Rita e assisti-los na ordem em que foram gravados: primeiro a *live* que já havia ocorrido (uma cantoria e contação de história transmitida pelo canal do Youtube dos parceiros do grupo, a Cia Arteira) e, ao vivo, as outras duas que ocorreriam no dia de Santo Reis (uma *live* do pastoril<sup>21</sup> do Céu Na Terra para o Sesc<sup>22</sup> e na sequência uma conversa, também no perfil da Cia Arteira, com dois membros do grupo sobre a folia).

Na primeira *live* que assisti<sup>23</sup> entendi que começar por ela estava sendo um

---

<sup>20</sup> Apresentações ao vivo transmitidas online

<sup>21</sup> O Pastoril do Céu na Terra é um dos subgrupos do Céu na Terra e costuma fazer sua principal apresentação na manhã do dia 24 de dezembro, no Largo do Machado – Rio de Janeiro.

<sup>22</sup> Serviço Social do Comércio

<sup>23</sup> Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=4YHpzxKdzF4&list=PLuJXhZ-AJTNFLVsmrU5-](https://www.youtube.com/watch?v=4YHpzxKdzF4&list=PLuJXhZ-AJTNFLVsmrU5-Ir5_Y2kMLgtjT&index=4)

Ir5\_Y2kMLgtjT&index=4 Acesso em 2 de fevereiro de 2021.

acerto, visto que nesse material diversos integrantes do grupo contaram a história do Céu na Terra com a Folia de Reis e o surgimento dessa frente da companhia. A *live* foi composta por 26 brincantes da cantoria, com 16 mulheres e 10 homens, sendo em sua maioria pessoas brancas e aparentemente variando entre 35 à 70 anos. Os foliões se dividiam entre 21 “quadrados” na tela, estando alguns sozinhos e outros acompanhados de outros integrantes do grupo.

Ao longo da *live*, o chat ficou disponível para que outros brincantes e admiradores pudessem comentar enquanto assistiam a transmissão. Entre “Viva o Céu na Terra”, “Que delícia matar saudades por aqui” e “Salve os Santos Reis!”, os comentários saudando a folia, o grupo e seus participantes traziam a impressão de um ambiente familiar e mostravam o envolvimento, o carinho e o respeito dos espectadores com a manifestação cultural.

A *live* foi aberta com uma das integrantes de olhos fechados e mãos para cima em saudação cantando uma toada para São Miguel que dizia

Ô meu São Miguel, meu anjo da guarda com satisfação, sou o seu filho fiel, respeito a sua farda, sua espada na mão, já que tem tantos cuidados, com os que estão resgatados e com os que ainda aqui estão. Hoje em dia de grande festa, leve tudo que ainda resta de qualquer perturbação para que os filhos dessa corrente e todos aqui presentes tenham paz no coração. (Canção ouvida durante a *live* do dia 29/12/2020, grifos meus).

Em entrevista com Rita Gama, ela contou que esta música foi aprendida numa casa da umbanda frequentada por duas integrantes do grupo e que é canção de abertura de quase todas as cantorias que a folia do Céu na Terra faz.

Num tom sempre muito emocionado era possível observar na tela (com cada um de sua casa) que quase todos cantavam a letra em coro e que com os olhos fechados se emocionavam junto com ela. E foi nessa frequência que a conversa se iniciou, com as falas dos membros sempre transparecendo o tamanho envolvimento que têm com o festejo e a seriedade com que é feito esse trabalho.

Um dos foliões, um senhor grisalho de nome Humberto, um dos violeiros da cantoria, que antes de começar a sair com o grupo, os recebia todos os anos em sua casa, é convidado logo no começo da conversa para falar um pouco sobre a história dos Reis Magos. Ele então nos conta sobre o trecho da Bíblia gesticulando, cheio de brilho nos olhos... “e lá está a nova era deitada num cocho”, afirma Humberto e logo em seguida emenda com “eu acho que a gente agarrou nessa história” e do prazer que é seguir contando sobre isso.

Uma das foliãs, que também vem a ser integrante da Cia Arteira e que até então eu havia entendido ser “apenas” a entrevistadora da *live*, relata emocionada na sequência:

Eu tenho seguido nessa história há mais de 20 anos junto com o Céu na Terra, seguindo essa estrela e buscando esse novo que vai nascer. A cada ano realmente renasce dentro da gente essa nova esperança essa criança que nasce a cada ano no coração de todos nós. E a gente ter essa alegria de ir a cada uma das casas que a gente visita e fazer juntos a festa do renascimento... Dessa história viva que a gente vive nos nossos dias. (Gabriela Ribas, integrante da Cantoria do Céu na Terra e apresentadora do canal da Cia Arteira no Youtube, fala retirada da *live* realizada no dia 29/12/2020).

Outra fala que me marcou muito nessa conversa foi de Humberto contando que a Folia de Reis é mais do que a narração de um trecho da Bíblia, é a “vivência dessa história”, visto que ao entrar na casa dos devotos, os foliões oferecem que cada família visitada reviva tudo isso e que o sangue dos mesmos pulse sobre essa mesma narrativa.

Mas como vivenciar a história de forma online? Antes de começar essa pesquisa, eu estava muito curiosa com essa questão: será que os grupos encontrariam formas de ritualizar ou apenas não realizariam nenhum tipo de festejo esse ano? Olhando agora, só de pensar que ao longo do ciclo natalino houve uma visita online na Academia de Letras, um pastoril e duas *lives* de 3 horas de duração, entendo que o grupo Céu na Terra de alguma forma conseguiu ressignificar seus festejos e que a folia pode não ter saído, mas, mesmo dentro de casa, ela deu um jeito de ir para o mundo.

Em entrevista, Rita me contou também que, para além das celebrações virtuais públicas, os integrantes da folia usaram o grupo de whatsapp do grupo para dividirem alguns cantos do repertório do Céu na Terra e registros

fotográficos dos presépios que cada um havia montado em sua casa.

O pastoril do Céu na Terra foi apresentado pelo canal do Sesc<sup>24</sup> na noite do dia 6 de janeiro. Apesar de entender que a folia e o pastoril são manifestações populares diferentes, trago neste texto alguns relatos sobre esta apresentação, ocorrida durante o mesmo ciclo e parte do mesmo universo simbólico.

Rita me contou que o pastoril, em tempos não pandêmicos, costuma acontecer no Largo do Machado, na cidade do Rio de Janeiro, em 24 de dezembro. No dia 26 de dezembro, no entanto, é que os foliões costumam começar a jornada da cantoria, que tem ciclo encerrado apenas no dia 20 de janeiro, dia de São Sebastião, padroeiro da cidade. No entanto, neste ano de 2021, o SESC convidou o grupo para realizar o pastoril no dia 6 de janeiro, dia de Reis. Ao comentar sobre isso com Rita, ela me explicou que essas manifestações se esbarram o tempo todo, e neste dia não foi diferente, visto que na sequência a apresentação, houve a conversa sobre as cantorias da Folia no canal da Cia Arteira.

Sobre a apresentação do pastoril, fiquei impressionada com a quantidade de pessoas assistindo ao vivo, eram mais de cem, além de ter me espantado com as tantas pessoas interagindo no chat. Todos pareciam muito emocionados de estar juntos celebrando o dia de Reis. “Que saudades do pastoril!”, “Viva o cordão azul!” e “Viva os Santos Reis e toda comunidade reiseira!” foram alguns dos comentários colocados por lá pelos telespectadores.

Na definição do vídeo dizia:

É um espetáculo inspirado nos tradicionais autos dramáticos dos Pastoris, Lapinhas, Folias e Boi de Reis combinando elementos sacros e profanos. As pastoras dos cordões azul e encarnado mediadas por Diana e pela figura do velho palhaço disputam dançando e cantando a preferência da platéia enquanto apresentam a história do nascimento de Jesus, convidando os presentes a refletir sobre a origem mítica da festa natalina enquanto recebem convidados como a florista, a cigana, o anjo, a borboleta e os três reis magos.

---

<sup>24</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=HTXtf9Lhdhg>, acesso em 6 de janeiro de 2021

O material exibido foi gravado previamente com cada um na sua casa, visto que os membros que apareciam no vídeo também comentavam no chat ao mesmo tempo e visualmente estavam em ambientes distintos.

Não esperava por algo tão “tecnológico”, visto que a *live* apresentou, por exemplo, diversos videografismos que tornaram o produto final muito interessante e dinâmico. Dessa forma ficou evidente como o formato online, apesar de limitador em uma série de sentidos, possibilita aos artistas usufruírem de novos elementos como incremento nos rituais de festejos realizados nesse formato remoto. Sobre isso, vale destacar a importância que as redes sociais tomaram nesse processo, sendo um dos elementos a entrar na lista de novos atores cuja atuação deve ser considerada indispensável para compreensão das novas configurações que têm assumido esse festejo. Foi através delas que todas as lives foram divulgadas e realizadas. Além disso, há de se destacar os figurinos dos brincantes que configuraram ainda mais o caráter alegre e teatral do espetáculo, como é possível observar nesses registros retirados do vídeo.



Figura 9: Captura de tela feita por mim do vídeo “Natal Sesc – Pastoril Céu na Terra” exibido no dia 6/01/2021

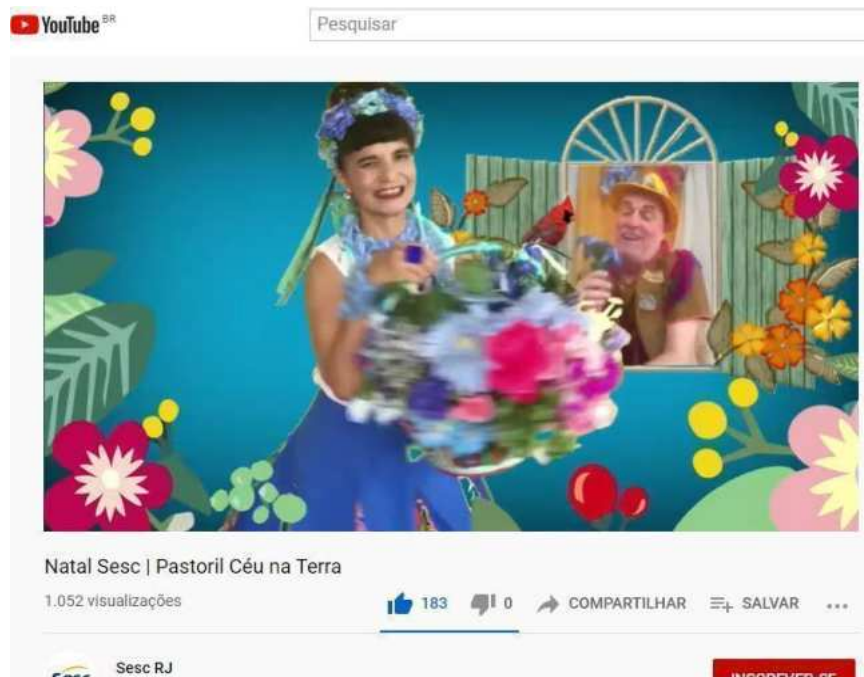


Figura 10: Captura de tela feita por mim do vídeo “Natal Sesc – Pastoril Céu na Terra” exibido no dia 6/01/2021



Figura 11: Captura de tela feita por mim do vídeo “Natal Sesc – Pastoril Céu na Terra” exibido no dia 6/01/2021

A *live* durou cerca de 50 minutos, recheada de cantorias e diálogos que contaram um pouco do universo dos tradicionais autos dramáticos dos Pastoris, Lapinhas, Folias e Boi de Reis. Um pouco mais tarde, no mesmo dia, começou então a *live* sobre Folia de Reis com Daniel Fernandes e Wagner Chaves<sup>25</sup>. Ambos são fundadores do Núcleo de Cultura Popular Céu na Terra e, junto a esse coletivo de artistas e educadores, vem desde 1997 se dedicando a pesquisa e criação de espetáculos e cortejos inspirados nas tradições populares brasileiras.

Acho importante destacar que tanto Wagner, quanto Daniel tem formação acadêmica no campo da cultura popular. Daniel Fernandes é Mestre em Música pelo Programa de Pós Graduação em Música da UNIRIO e Bacharel em Música Popular Brasileira e Licenciatura Plena em Música pela mesma universidade. Além disso, é professor de Educação Musical do Colégio Pedro II, desde 2007.

<sup>25</sup> Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=HacrO5rU2LM&list=PLuJXhZ-AJTNFLVsmrU5-Ir5\\_Y2kMLgtjT&index=5](https://www.youtube.com/watch?v=HacrO5rU2LM&list=PLuJXhZ-AJTNFLVsmrU5-Ir5_Y2kMLgtjT&index=5) Acesso em 6 de janeiro de 2021

Wagner Chaves é antropólogo, músico e pesquisador das festas e tradições populares brasileiras. Tanto sua pesquisa de mestrado, quanto de doutorado foram sobre as jornadas rituais das folias de Santos Reis nos estados do Rio de Janeiro e norte de Minas Gerais, além de ter publicado o livro “Na Jornada de Santos Reis: Conhecimento, Ritual e Poder na Folia do Tachico” (2013) e diversos artigos abordando temas como cultura popular, religiosidade, ritual e performance. Atualmente Wagner é professor do Departamento de Antropologia Cultural (DAC) e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA/IFCS/UFRJ)<sup>26</sup>.

A *live* começa em tom de muita intimidade, aparentando uma grande conversa entre amigos íntimos, sem grandes formalidades. Antes de começar a falar, Daniel conta que precisa louvar Santos Reis e começa a tocar com sua viola uma canção que fala sobre a chegada dos mesmos. Ao abrir sua fala, Daniel comenta o quanto é especial estar fazendo essa *live* no dia de Santos Reis e revela que é a primeira vez em 20 anos em que a Folia do Céu na Terra não sai para a rua. Daniel fala um pouco sobre como esse festejo do grupo é uma releitura da Folia muito própria do Céu na Terra e conta sobre o fato de que o trecho da Bíblia que fala sobre os reis magos é bem pequeno, mas que a reverberação do mesmo foi e é imensa. O músico comenta que “a tradição foi criando história e mais histórias e significados e símbolos e uma coisa muito linda na vida das pessoas”.

Ao longo de toda entrevista me veio a mente como era simbólico para aquelas pessoas estarem em suas casas no dia de Reis. Digo isso, porque é muito forte pensar que nos últimos 20 anos este período foi marcado por uma logística intensa ligada ao grupo Céu na Terra.

De volta a entrevista, Gabriela então passa a palavra para Wagner (o Waguinho) que inicia falando sobre o dia 6 ser o fim do ciclo natalino e sobre a perspectiva cíclica da vida e da folia, com seus recomeços e encerramentos. Wagner comenta então que esse encerramento de ciclo costuma ser um dia em que os foliões ficam felizes e fortalecidos por tudo que até ali viveram, mas carrega também uma tristeza embutida porque sabem que ficarão um ano sem

---

<sup>26</sup> As informações de ambos os currículos foram encontradas na descrição da *live* e adaptados para esse texto.



se encontrar. Fica claro para quem assiste que ambos os entrevistados enxergam tamanha importância em ritualizar as aberturas e os encerramentos.

Daniel nos conta que para ele, “o folião vive um tempo fora do tempo”, o que nos aproxima do entendimento de que há uma estreita relação entre o ritual e as festas (DURKHEIM, 1968; AMARAL, 1998) e da afirmação de que “toda festa ultrapassa o tempo cotidiano” (AMARAL, 1998, p17). Essa fala de Daniel também se assemelha à ideia de liminaridade de Victor Turner (1974). Este “tempo fora do tempo” pode ser entendido muitas vezes como o tempo da festa; do ritual; da liminaridade. É possível compreendê-lo como algo fora da rotina, do trabalho e do cotidiano destas pessoas. Daniel conta que entre o dia 24 de dezembro e 6 de janeiro, costuma haver folia todos os dias, havendo lugares em que a folia sai dia 24 e só volta dia 6. Uma verdadeira jornada em meio à vida destes trabalhadores.

Nos relatos fornecidos por Rita Gama na entrevista que ela me deu fica evidente este “tempo fora do tempo”. Rita contou diversas histórias sobre a verdadeira maratona que os membros do grupo vivem normalmente no ciclo natalino, com direito a planilhas para saber a quantidade de lanche que precisarão comprar para alimentar a todos durante todos os dias de viagem e reuniões para debater sobre a logística de transportes para levar todos os integrantes. É importante destacar ainda como esses relatos destacam a força da folia na vida dessas pessoas, visto que nenhum dos membros do grupo se mantém financeiramente com as atividades do mesmo, precisando além das demandas pessoais, cumprir com suas obrigações profissionais.

Em tempos de isolamento social, em que havia tantas pessoas quarentenadas em suas casas há mais de um ano (ainda mais se tratando do início do ano de 2020, em que o isolamento social estava sendo mais respeitado), uma das falas que achei mais forte da entrevista foi a de Waguinho explicando que

a perspectiva da folia é o movimento, é a viagem, é o deslocamento, a disponibilidade para se mover. O ser humano é um ser movente, criando lugares, jornada, giro. O giro é fazer um deslocamento amplo num território, mas que você retorna para esse ponto. Esse ponto é o eixo central da folia, do imperador e do festeiro do ano. Esse giro vai variar de dias em dias. Tem giro que dura, por exemplo, 9 dias. Meter as caras com outras pessoas sem saber o que vai encontrar. Saber andar, como andar, que lugares passar, que lugares não atravessar é muito importante. Saber chegar numa casa, saber pedir licença, saber sair, saber receber. Você está dramatizando um bando de relações muito básicas. A casa, o território... A relação com a comida... com a partilha disso tudo. (Wagner Chavez, integrante da Cantoria do Céu na Terra, fala retirada da *live* realizada no dia 06/01/2021).

Em certo momento da *live* realizada no dia 6 de janeiro, Daniel, falando sobre o envolvimento do folião com o ritual e como essa prática se envolve na vida das pessoas, destacou: “a pessoa estava trabalhando e pensando em versos” e afirma um pouco depois

apesar de estar engolido pela máquina industrial a cultura burla isso. A cabeça dele está fervilhando de versos que ele vai jogar na próxima roda...Esses ritos vão uma vida pras vidas todas que estão em volta disso tudo aí, é por isso que a folia subsiste, se refaz e se recria e segue adiante, porque não ter isso na vida faz muita falta. Aí é realmente só ficar apertando parafuso. (Daniel Fernandes, integrante da Cantoria do Céu na Terra, fala retirada da *live* realizada no dia 06/01/2021).

E é dessas falas que, no meu entendimento, vem o motivo pelo qual, naquele momento, mesmo com um ano sem sair para as ruas, compreendi que a Cantoria iria seguir com toda força e encontrar caminhos criativos para manter seus rituais enquanto a pandemia não acabasse e prepararia o coração para colocar a bandeira para visitar as casas assim que for possível. Da forma como a própria Gabriela afirma um pouco mais adiante na entrevista: para o folião é uma necessidade quase fisiológica ritualizar a folia.

Sobre as falas de Waguinho e Gabriela, trago alguns pensamentos de Rita Amaral em seu texto “As mediações culturais da festa” de 1998 em relação à

obra *As formas elementares da vida religiosa*, de Durkheim (1968):

A festa também é capaz de colocar em cena, segundo Durkheim, o conflito entre as exigências da "vida séria" e a própria natureza humana. Segundo seu modo de ver, as religiões e as festas refazem e fortificam o "espírito fatigado por aquilo que há de muito constrangedor no trabalho cotidiano". Nas festas, por alguns momentos, os indivíduos têm acesso a uma vida "menos tensa, mais livre", a um mundo onde "sua imaginação está mais à vontade". (DURKHEIM, 1968, p. 543-547 apud AMARAL, 1998, p. 2)

Considerando este papel atribuído às festas como válido para os festejos abordados, uma questão que vem à tona é a de entender como esses festejos cumprem esse papel nas condições impostas pela pandemia do coronavírus e pelos protocolos de segurança sanitária dela resultantes. Em tempos pandêmicos, como colocar em prática uma manifestação configurada principalmente pelo seu caráter coletivo, que tem como característica a entrada de uma aglomeração de foliões na casa de outras pessoas? Mas se tratando de algo tão visceral na vida dessas pessoas, como abrir mão de realizar esse festejo?

Seguindo sua fala sobre este conflito da “vida séria” e própria natureza que este festejo traz, Waguinho conta emocionado que a Folia é mais que um estado de espírito, “é uma frequência própria”. Quando chega perto do período natalino, a Folia se impõe e é por isso que muitos foliões saíram esse ano apesar da pandemia. “É uma coisa muito forte, é uma obrigação, no sentido de ser incontornável, ela é quase uma força que chega e não tem como não fazer, você tem que dar vazão pra ela”, afirma ele.

Ele conta que quando chega perto do tempo da folia, começa a vir, através de diferentes caminhos, como pelos sonhos, por exemplo, a energia dela e quando você vê já começa a sonhar com versos... “esses dias aí eu tive um sonho muito forte com a folia”, “É muito forte. É vital. Não existe uma vida sem folia pra essas pessoas” e conta que devido a esse fato, é muito complexo quando se observa em algumas regiões do país que as pessoas deixam de sair com a folia porque mudam de religião, devido a um crescimento da comunidade de evangélicos, por exemplo.

Waguinho explica que há uma desconstrução que vai retirando algo que é o sentido da vida, o significado do viver para essas pessoas e pra quem faz folia e fecha a fala afirmando que “nas maiores dificuldades a folia aparece como o que dá sentido pras coisas e isso não é pouca coisa né. Isso é muita coisa”. E é mesmo. Pude perceber, assistindo a essas cantorias e entrevistas online com a Cantoria do Céu na Terra, que a não realização da folia (pelo menos de forma oficial) impactou fortemente o emocional dos integrantes do grupo. É curioso pensar que justamente a forma como muitos integrantes encontram para aliviar os desafios da vida, neste caso da pandemia, pode ser um vetor de contágio do vírus.

Mas compreendo também que as brechas encontradas para a ritualização do festejo, mesmo que de forma míuda e online, foram uma busca por manter viva essa tradição e extravazar um pouco da energia direcionada todos os anos pelos integrantes para com o ciclo natalino, dessa forma levando para os seus brincantes um pouco do aconchego relatado por Waguinho.

Considerando a forma encontrada pela Cantoria do Céu na Terra para

realizar seu ciclo natalino de 2020/2021, proponho aqui discutir sobre o processo desterritorialização desses festejos, antes realizados de forma presencial, e agora virtual e para isso aciono alguns conceitos de Rogério Haesbaert (2004).

Num primeiro momento é possível pensar que nessa transição para o ambiente online houve um processo de desterritorialização desta folia, que perde algumas das suas características mais fortes como o cortejo pelas ruas e a entrada nas casas dos brincantes. No entanto, apesar dessa brusca mudança, esses sujeitos em nenhum momento ficam sem o seu território, visto que arrumam formas, mesmo que precárias, de viver a territorialização e de significar seu espaço construindo suas territorialidades. Mais do que a perda ou desaparecimento do território, podemos compreender este processo como uma multiterritorialidade (HASBAERT, 2004).

A contemporaneidade acentua uma vivência em múltiplos territórios. Hasbaert (2004) chama atenção como neste momento os territórios rede ganham uma potência muito maior que os territórios zona, sendo os territórios zona mais concretos, relacionados às áreas onde vivemos e os territórios rede mais abstratos. Para o autor, o que vivemos hoje é o que podemos chamar de “múltiplos territórios”, ou seja, diversas possibilidades de habitar/praticar os territórios. O autor compreende também que nesse processo, devido a intensa ampliação dos territórios rede – pode-se enxergar uma “multiterritorialidade”, que trata-se da nossa capacidade de ou sucessivamente ou concomitantemente viver experiências territorializantes diversas.

No entanto, acho importante destacar que há um limite de classe nesse processo, que coloca em jogo as territorialidades precárias e as mais ampliadas (HASBAERT, 2004). O caso da Cantoria do Céu na Terra pode ilustrar bem este fato. O grupo é composto por pessoas em sua maioria de classe média que tem amplo acesso a internet, por exemplo, facilitando dessa forma que fosse realizado o ciclo natalino nas redes e assim pudessem ocupar diversas territorialidades como suas casas, as casas dos espectadores, o território do afeto em torno desse ritual e etc

Por outro lado, é possível observar neste processo uma territorialização precária, que se dá pela falta de condição de manter o encontro, os afetos, sensações, acolhimento, calor humano, mas disponibiliza, por exemplo, a outros públicos que antes não poderiam acompanhar o ritual, se expandindo principalmente à quem tem acesso a tecnológicas.

Para concluir o presente artigo, gostaria de destacar que ao fim da minha entrevista com Rita, a questioneei se já havia algum plano para a folia de 2021/2022. Rita me respondeu que possivelmente o grupo decidiria em cima da hora se a bandeira sairia ou não neste próximo ciclo natalino. Ela afirmou que não sair com a folia enquanto a situação da pandemia não estivesse controlada era uma questão de responsabilidade e comentou

é muito complicado né, porque a gente entra na casa das pessoas. Casas sem ventilação as vezes, pequenas e você não sabe, a gente pode estar de máscara mas talvez os moradores não estejam então assim, eu sou da turma que puxo o freio de mão (Rita Gama, integrante da Cantoria de Reis, entrevista, 19 de julho de 2021).

Em relação ao processo da pesquisa: durante o período retratado neste capítulo (de acompanhamento das lives nessa folia que “não saiu”), foi necessário respirar fundo e exercitar acalmar as ansiedades. Um dia de cada vez ir acompanhando os próximos passos dos foliões e através de entrevistas e observações das redes sociais do grupo, poder ir compreendendo quais eram as decisões tomadas com relação a sair ou não com a folia no ciclo de 2021/2022. Como pesquisadora, assim como os foliões, foi o momento de entender, aos poucos, quais eram as melhores formas de lidar com essa situação.

### CAPÍTULO 3 - O ensaio sobre a retomada das ruas

O segundo ano da pandemia de COVID-19 teve como marca uma intensa segunda onda do novo coronavírus no país, o colapso do sistema de saúde em diversas regiões e o aparecimento de novas variantes do vírus SARS-CoV-2 ainda mais transmissíveis, como a delta e a ômicron, mas sobretudo pelo avanço da vacinação. É muito importante destacar que a primeira dose da vacina contra o COVID-19 foi aplicada no Brasil no dia 17 de janeiro de 2021 e que em dezembro de 2021, a 66,92% da população já estava com protocolo inicial de vacinação completo<sup>27</sup>. No entanto, apesar de nesse período ter havido o retorno de diversas atividades presenciais (ainda sem a liberação das medidas restritivas por completo), a Europa e os Estados Unidos viviam no momento o avanço da variante ômicron, o que acendia o alerta para a necessidade de manter os cuidados e compreender que a pandemia ainda não estava próxima de acabar (BUTANTAN, 2021)<sup>28</sup>.



Figura 12: Captura de tela feita do site do Instituto Butantan

Em relação ao meu objeto de pesquisa nesse contexto: uma das coisas que tivemos que aprender na pandemia do COVID-19 foi à trabalhar nossa ansiedade e nossa falta de perspectiva, tanto minhas, quanto dos membros do grupo. A expectativa em relação a realização da cantoria do Céu na Terra durante o ciclo

<sup>27</sup> Disponível em <<https://ourworldindata.org/covid-vaccinations?country=BRA>>. Dado referente ao dia 31 de dezembro de 2021. Acesso em 23/08/2022

<sup>28</sup> Disponível em <<https://butantan.gov.br/noticias/retrospectiva-2021-segundo-ano-da-pandemia-e-marcado-pelo-avanco-da-vacinacao-contr-covid-19-no-brasil>> Acesso em 11/07/2022

natalino era imensa, mas estava dado que talvez essa saída para as ruas ainda fosse um desejo utópico, visto que, como mencionei acima, nas proximidades do período do festejo o vírus, apesar de menos letal, permanecia atingindo uma parcela grande da população. No entanto, com a benção de Santos Reis, mesmo que de uma forma diferente: a cantoria foi para a rua.

### **3.1 - Dia 19 de dezembro de 2021, no Largo das Neves**

Dia 17 de dezembro, Ritinha me mandou mensagem pelo celular me convidando para ir ao Largo das Neves, dia 19 de dezembro para uma homenagem do Céu na Terra ao Marquinhos, um dos membros do grupo que faleceu de COVID 19 ao longo da pandemia. Depois de um ano e meio de pesquisa, aguardando apreensiva para entender se haveria ou não a saída do grupo no ciclo natalino, foi extremamente triste compreender que a primeira ida à rua seria justamente para ritualizar a partida de um membro querido do coletivo que havia partido em decorrência desse vírus maldito.

Na ocasião, Ritinha me explicou que eles fariam uma adaptação do pastoril que costumam fazer. Como contei anteriormente, o pastoril e a cantoria do Céu na Terra, apesar de serem manifestações populares diferentes, fazem parte do mesmo universo simbólico e especialmente neste momento, em que não havia certeza sobre nenhuma saída do grupo da cantoria, fiz questão de estar nesse encontro do grupo.

Cheguei no Largo das Neves no instante que eles começaram a cantar a música que havia ouvido na live da cantoria do ano anterior, todos de mãos dadas e olhos fechados cantavam juntos a toada à São Miguel, pedindo que “hoje, em dia de grande festa, leve tudo o que ainda resta de qualquer perturbação, para que os filhos dessa corrente e todos aqui presentes tenham paz no coração”.

Na sequência, começaram então a cantar as músicas do pastoril. Nesse dia, especialmente, muita coisa fez sentido para mim no que diz respeito ao motivo de eu estar fazendo esta pesquisa. Explico: primeiramente, o Largo das Neves foi o espaço que algumas semanas antes eu havia realizado a primeira roda de coco do



meu grupo, depois de 2 anos parados devido à pandemia, entendi ali que eu e o Céu na Terra dividíamos um carinho e um sentimento de pertencimento por aquele cantinho mágico de Santa Teresa. Vale destacar também que no Rio, a ocupação das ruas acontece de uma forma muito singular. Claro que quando afirmo isso, estou falando de corpos específicos e de recortes da cidade, visto que é totalmente diferente um corpo negro periférico ocupar uma praça de algum bairro do subúrbio e um corpo branco da classe média ocupar um largo na zona sul/ centro da cidade. As diferentes opressões que afetam nossos corpos afetam a forma como o indivíduo desfruta da cidade. O corpo mulher, negro e/ou trans, por exemplo, não tem o mesmo acesso à cidade e nem os mesmos direitos que o corpo de um homem cis branco. (SANTOS, 2018, p5). Mas o fato é que na maioria dos espaços da região central do Rio, é possível realizar atividades culturais sem necessariamente haver uma autorização formal. Nesse espaço, em Santa Teresa, em específico, a ocupação do espaço costuma se dar através do contato com um dos donos de bar do entorno, que é diretamente conectado com a associação de moradores do bairro e costuma fornecer um ponto de luz para que o evento aconteça.

Retornando aos pontos de conexão entre eu e o coletivo que estou pesquisando: todos os anos, por volta desse dia minha família organiza uma espécie de natal antecipado, em que nos reunimos para ler uma adaptação da peça o “Boi e o Burro” de Maria Clara Machado (grande amiga de minha avó) e jantarmos juntos. Este ano, este festejo ocorreu no dia desta minha primeira ida a campo, para assistir ao pastoril no Largo. Eis que a maioria das músicas cantadas eram as mesmas que eu, algumas horas depois, cantaria junto a minha família na nossa celebração. Ao longo de toda a minha vida, nessa época do ano, cantei “Boa noite meus senhores todos e boa noite senhoras também, somos pastoras, pastorinhas belas que alegremente vamos a Belém” e “A estrela dalva, no céu desponta...” e foi muito interessante entender o quanto esse ritual é importante para mim: reunir com minha família para fazer essa leitura nas vésperas do Natal. Ali, assistindo a celebração do Céu na Terra nesse dia e observando a seriedade com que eles realizam seus festejos entendi que existe uma conexão enorme entre mim e meu objeto de pesquisa: uma necessidade quase visceral de ritualizar com muita música e encantamento o ciclo natalino.

Foi muito bonito poder observar ao vivo um espetáculo que havia visto de forma remota no ano anterior. Entre as cores vermelhas e azuis dos cordões, panderolas com fitas, saias rodadas, cavaquinho, flauta transversa, sanfonas, caixas e saxofone, o público (que deveria ser em torno de umas 30 pessoas) ficava em torno do largo, enquanto os foliões ficavam mais para o meio (apesar de diversas vezes ambos se misturam). Num dos cantos do espaço havia uma barraquinha vendendo algumas comidas e ao redor dos brincantes tinham alguns estandartes, dando destaque para o principal, um grande e enfeitado com o rosto de Marquinho, que logo no começo foi carregado e levado a cada um dos integrantes do festejo para que fosse reverenciado pelos mesmos, que emocionados pareciam “pedir a benção” a ele.





Figuras 13 e 14: Fotografias produzidas pela autora no dia 19 de dezembro de 2021

Uma das foliãs me explicou que normalmente eles costumavam levar uma burrinha e outros bichos cenográficos para a celebração, mas que neste dia estavam fazendo uma adaptação mais simples da apresentação.

Em determinado momento, uma senhora informou que o grupo ritualizaria a abertura da lapinha conosco. Neste instante, trouxeram a Lapinha para o meio do Largo e ao abrirem suas portas, pudemos observar a parte de dentro: um presépio com Maria, José, o Menino Jesus ao centro e a bandeira do divino espírito santo no alto. As portas da Lapinha eram feitas com imagens de “santinhos” de papel e algumas rendas brancas. Após a abertura, o grupo começou a tocar uma cantiga específica para este momento e se organizou de forma que de dois em dois, os integrantes fossem até a Lapinha reverenciá-la. Neste momento encontrei uma conhecida querida e juntas fomos ao meio do Largo para agradecer e pedir a benção para o próximo ciclo.

Ao fim da apresentação, um coral composto por muitas pessoas que até então só observavam a apresentação do pastoril, começou a cantar “A volta do Malandro” de Chico Buarque. Quando terminaram, uma senhora perguntou qual era o nome do grupo e uma moça respondeu que era a união de vários grupos, que tinham em comum esta música, que era a favorita de Marquinhos.

### 3.2 - Dia 8 de janeiro de 2022, em Rio das Flores

Ao longo da pesquisa precisei me adaptar ao “tempo da doença”. Não havia certezas sobre atividades que aconteceriam algumas semanas à frente, mesmo o que estava pré marcado poderia ser cancelado caso a pandemia voltasse a piorar. No entanto, a partir desse dia no Largo das Neves, me nutri de esperança que havia possibilidade da cantoria ter algumas saídas no ciclo natalino.

Sempre em contato com Ritinha, fui informada alguns dias depois que haveria um encontro em Rio das Flores, interior do Rio. Na ocasião, a cantoria do Céu na Terra estava sendo convidada a participar do Encontro de Folias na casa de Santos Reis, espaço coordenado por Affonso Furtado<sup>29</sup>, um folclorista que sempre recebe muitas folias da região e de fora. Esse é um evento que acontece há muitos anos e que a cantoria do Céu na Terra costuma sempre ir.



<sup>29</sup> Affonso Furtado Filho é o fundador da Casa Santos Reis em Rio da Flores, pesquisador, já participou do Conselho Estadual de Cultura e é membro da Federação do Reisado do Estado do Rio.

Figura 15: Folheto de divulgação da 39 visita de Santos Reis, de 2018

No entanto, devido a pandemia, alguns membros do grupo não poderiam comparecer ao encontro e nos dias que antecederam o evento ficou um mistério sobre a ida ou não da cantoria, que acabou por não acontecer devido ao avanço, mais uma vez, do vírus da COVID-19.

Voltei a desanimar em relação a perspectivas de saída do grupo no ciclo natalino de 2021/2022, até que fui surpreendida com a notícia: no dia 20 de janeiro, dia de São Sebastião, padroeiro do Rio de Janeiro, a cantoria teria uma saída.

### 3.3 - Dia 20 de janeiro de 2022, na Fundação Progresso

*Naquela estrada de areia  
Aonde a lua clareou  
Todos os caboclos pararam  
Para ver a procissão  
De São Sebastião  
Okê okê, Caboclo  
Meu pai caboclo, é São Sebastião  
(Ponto popular nos  
terreiros de umbanda)*

Fui informada por Ritinha que no dia do padroeiro da cidade haveria uma saída da cantoria do Céu na Terra na Fundação Progresso. No evento, homenageando São Sebastião, haveria também uma lavagem com Pai Cláudio, que tem seu barracão de candomblé em Nova Campinas, em Caxias e uma pajelança realizada por indígenas moradores da Aldeia Vertical.

Chegando na Fundação, me direcionei ao estacionamento onde o grupo havia marcado de fazer sua concentração. Devido ao cenário da pandemia, nem todos os membros compareceram, a própria Ritinha não pode ir no dia. No primeiro momento eu não conhecia ninguém que estava presente, até que Daniel e Jean chegaram. Foi emocionante enfim sentir que eu estava com o grupo da cantoria (visto que apesar

das muitas semelhanças e de ter alguns membros em comum, no Largo das Neves o encontro era para o pastoril). Reconhecer vários rostos que eu havia visto apenas nas lives foi muito impactante.

Todos os membros foram muito carinhosos me apresentando para o grupo e conversando comigo sobre a minha pesquisa. Uma das integrantes logo se prontificou a me explicar alguns fundamentos como a necessidade de não ultrapassar na frente da bandeira durante a cantoria e a importância de reverenciar a mesma antes da saída. Um dos momentos mais emocionantes desse dia foi quando Jean, que foi meu professor de música da escola quando eu era criança, contou a todos que estavam em roda se concentrando que minha mãe trabalhava na escola que ele trabalhou, o Tabladinho, onde ele foi apresentado aos Santos Reis através dos autos de natal de final do ano. Nesse momento pude perceber que a conexão que eu havia feito entre mim e o grupo era muito real, sendo o universo simbólico que eles trabalham nessa manifestação cultural, muito presente na minha família e em toda a minha criação.



Figura 16: Fotografia tirada pela autora no dia 20 de janeiro de 2022

Era visível a emoção dos membros em se encontrar nesse dia e logo descobri que a última vez que a cantoria do Céu na Terra tinha se juntado para uma saída havia sido justamente no dia 20 de janeiro de 2020. Esse encontro se torna ainda mais simbólico quando compreendemos um pouco mais sobre São Sebastião. Em seu livro “Santos de Casa: Fé, crenças e festas de cada um”, Luiz Antonio Simas conta que a devoção ao santo difundiu-se bastante ao longo da Idade Média, justamente pela fama que ele tinha de proteger as cidades contra a propagação de pestes (SIMAS, 2022, p76). Ou seja, após dois anos da bandeira guardada, o grupo se reencontrava ali para ritualizar o dia do padroeiro da cidade e do protetor contra as epidemias.

Nos reunimos no final do estacionamento, eles começaram a afinar os instrumentos e a realizar alguns rituais com acender um incenso e passar entre os integrantes para simbolizar uma limpeza. Foi muito interessante observar essa “confusão organizada” tão brasileira no quesito religião: se na bandeira havia a imagem do menino Jesus, no ritual em si havia também culto a orixá e entidade. O organizador do evento, um amigo do grupo que trabalha na Fundação, se aproximou e perguntou “vocês ainda vão concentrar aqui um pouco antes de descer, certo? Então vou correr ali porque ainda preciso acender uma vela para Exu”. Na sequência, para começar a cantoria foi puxado o mantra de todos os encontros (virtuais e presenciais) que estive, a música para São Miguel que citei anteriormente e o grupo então começou aos poucos a descer em direção ao evento em si cantando algumas canções para Oxossi e Santos Reis.



Figuras 17 e 18: Fotografias tiradas pela autora no dia 20 de janeiro de 2022

O grupo caminhou até a entrada da Fundição, em frente à estátua de São Sebastião, onde fez uma parte da cantoria e reverenciou o santo. Depois entraram e se apresentaram dentro, em torno do altar, sendo assistidos por um pequeno público e pelos membros que atuavam depois no evento: Pai Cláudio com os integrantes de seu barracão que realizaram diversos toque para Oxossi, seguidos de uma lavagem do chão e os dois indígenas da Aldeia Vertical, que fizeram uma pajelança.

Foi bonito observar esses tão diferentes grupos reunidos num mesmo evento. Emocionante acompanhar tanto a cantoria sendo contemplada pelos que ainda iam se apresentar, quanto os membros do Céu na Terra acompanhando os demais grupos que fizeram suas ações pós cantoria.





Figura 19: Fotografia tirada pela autora no dia 20 de janeiro de 2022

Em *As formas elementares da vida religiosa* de Durkheim, ele afirma que os limites que separam os ritos representativos e as recreações coletivas são “flutuantes” (DURKHEIM, 1968 apud AMARAL, 1998). Para o autor

Toda festa, mesmo quando puramente laica em suas origens, tem certas características de cerimônia religiosa, pois, em todos os casos, ela tem por efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência, às vezes mesmo de delírio, que não é desprovido de parentesco com o estado religioso (DURKHEIM, 1968, p542 apud AMARAL, 1998, p13)..

No caso desse evento em específico, evidentemente se tratava de uma cerimônia religiosa, visto que era a celebração do dia dessa entidade que apadrinha a cidade do Rio de Janeiro. No entanto, acredito que essa reflexão de Durkheim pode nos ajudar em muito a compreender um pouco mais sobre esse local da festa na vida dos membros do Céu na Terra, visto que, apesar de muitos serem religiosos, alguns se intitulam como ateus. Não tem jeito, a festa e a religião, seja ela qual for, estão de alguma forma conectadas.

No caso dessa experiência específica do dia 20 de janeiro, recorro a um trecho do Grande Sertão Veredas que diz “Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo o rio... uma só para mim é pouca, talvez não chegue”. (ROSA, 1967, p15). Durante toda minha pesquisa junto ao Céu na Terra senti que as coisas funcionavam segundo essa lógica, e que nesse dia eles estavam inseridos em um evento que também operava nessa dinâmica. No Brasil é difícil delimitar o que é uma festa religiosa ou o que é uma festa profana, visto que uma das características do Cristianismo popular brasileiro é justamente a “profanação do sagrado e a sacralização do profano, a ponto de em certo momento você não saber onde começa uma coisa e onde termina a outra” (SIMAS, 2022c)<sup>30</sup>.

Na procura sobre explicações possíveis para essa encruzilhada brasileira de sincretismos, descobri através de Luiz Antônio Simas que há grande probabilidade de decorrer do símbolo da flecha a ligação estabelecida no Brasil, e principalmente na cidade do Rio de Janeiro, entre o orixá Oxossi, entidade da caça e da fartura e São Sebastião. Quando dança nos candomblés, Oxossi utiliza um ofá, arco e flecha do caçador (SIMAS, 2022a, p77).

Em relação à São Sebastião ter se tornado o padroeiro da cidade do Rio de Janeiro

Reza a tradição que na batalha final em que os portugueses e os temimimós enfrentaram os franceses e tupinambás pela posse do Rio de Janeiro, em 20 de janeiro de 1565, São Sebastião (...) teria aparecido de espada na mão lutando ao lado dos portugueses. Por esse motivo, foi consagrado como padroeiro da cidade fundada pelo capitão Estácio de Sá. (SIMAS, 2022a)

No entanto, em um texto postado em suas redes sociais, Simas nos esclarece como esse mesmo São Sebastião, que lutou contra os tupinambás nas batalhas de fundação do Rio de Janeiro, se amalgamou como Oxóssi, o protetor dos indígenas

---

<sup>30</sup> Disponível em

<<https://www.nonada.com.br/2022/04/a-volta-da-festa-e-o-direito-a-folia-uma-conversa-com-luiz-antonio-simas>> Acesso em 12/07/2022

em nossas macumbas<sup>31</sup> (SIMAS, 2022b). Para Simas, a chave está em compreender que

Para o mundo dos tupinambás, o inimigo é um constituinte do ser. Você precisa do outro para ser. É absurdo, portanto, aniquilá-lo. Aquele que me mata, me come e me carregará em seu estômago/túmulo. Em certo sentido, ele será eu. Eu sou eu e passo a ser ele também. (SIMAS, 2022b)

Ou seja, ao lutar contra os tupinambás, São Sebastião teria virado, então, justamente o caboclo que matou (SIMAS, 2022b).

### **3.4 - Dia 16 de agosto de 2022, no Sesc Copacabana**

Desde a minha entrevista com Jean, eu já havia sido informada que a Orquestra Popular, um dos núcleos do Céu na Terra, havia sido contemplado no edital Pulsar do Sesc Rio. Meses depois, recebo pelo whatsapp através do Daniel o flyer da apresentação. Apesar de não ser exatamente sobre meu objeto de estudo, resolvi ir e contemplar o espetáculo e principalmente os 3 membros tão queridos que haviam me fornecido entrevista ao longo da pesquisa: Ritinha, Jean e Daniel, que também fazem parte desse sub-grupo do Céu.

---

<sup>31</sup> Disponível em <[https://twitter.com/simas\\_luiz/status/1484095878881292295](https://twitter.com/simas_luiz/status/1484095878881292295)> Acesso em 25/08/2022



Figura 20: Flyer de divulgação do espetáculo Cariocando da Orquestra Céu na Terra no Sesc Copacabana

A apresentação do dia 16 foi a primeira de uma sequência de espetáculos que ocorreriam pelo estado do Rio de Janeiro. No convite dizia assim

É amanhã Moçada! Tá Bonde! Bom demais!

Através do Sesc Pulsar RJ, a Orquestra Céu na Terra orgulhosamente apresenta seu mais novo show, Cariocando.

Nele vamos passear por diversos gêneros e ritmos que ajudam a contar um pouquinho da história da música carioca, seus compositores, personagens e lugares que fazem da nossa cidade uma referência em cultura para todo o mundo. Com o roteiro e direção cênica de Alan Rocha e direção musical de Marcelo Cebukin, o público é embalado pelo lundu, jongo, maxixe, samba, partido-alto, marchinha, samba-de-breque, bossa-nova e até o funk atual. Cenografia de Rafael Dória, figurino de Carol Lobato, iluminação de Francisco Leocádio, sonorização de Fernando Fishgold e Contrarregragem Gege Alves. Produção Jean Philippe e assistente de produção Júlio Barroso.

Cheguei no Sesc Copacabana um pouco antes do horário e quando as portas do teatro abriram, me certifiquei de sentar bem de frente e no centro da plateia do teatro de arena. Estava bem feliz de entrar num local como aquele (um dos palcos

mais requisitados do Rio de Janeiro por nós músicos), sem máscara e ver o público chegando em peso para assisti-los.



Figuras 21 e 22: Registros feitos pela autora durante a apresentação da Orquestra Popular Céu na Terra do dia 16 de agosto no Sesc Copacabana

O espetáculo que faz um passeio pela música carioca, como eu já esperava, se diferencia bastante das saídas da cantoria que acompanhei. Além de outros rostos, até então desconhecidos por mim (visto que como mencionei, cada sub-grupo do Céu na Terra é composto com integrantes distintos, com apenas alguns coexistindo em várias dessas frentes), os figurinos rebuscados, uma maior concentração de pessoas negras em relação a pessoas brancas e um maior número de homens do que de mulheres no palco, instrumentos diversos com um naipe de sopros, bateria, percussão, violão, cavaquinho e voz e o roteiro fechado foram algumas das características mais marcantes que pude observar. O cenário, apesar de simples, contava com uma imagem do bondinho de Santa Teresa, uma Tia Ciata e mais alguns elementos que faziam alusão ao Rio de Janeiro. Claramente todos esses elementos fizeram o assistir à apresentação da Orquestra ser uma experiência bem diferente do que acompanhar uma saída da cantoria, no entanto a dimensão da pesquisa pela cultura brasileira teceram uma imensa semelhança entre essas diferentes frentes do Céu.

Essa ida à campo me fez refletir sobre o fato de que, durante o período da pandemia, foram lançados diversos editais para a área da cultura, possibilitando que projetos como esse fossem executados, como esse em que o Cariocando estava inserido, o “Sesc Pulsar”. Retomando a afirmação escrita por Paulo Caldas em sua pesquisa realizada em 2008: apesar de não necessariamente ficar evidente para quem observa de fora, o Céu na Terra, historicamente passa por uma situação de instabilidade financeira (CALDAS, 2008), sendo essa uma característica não apenas deste grupo e sim de grande parte da música independente no Brasil, e ser contemplado em um edital desse tamanho é algo a ser muito comemorado, visto que gera ao grupo, no caso da circulação do espetáculo Cariocando, uma perspectiva de uma série de shows com cachês fechados para os envolvidos.

Em seu artigo sobre as condições de trabalho dos músicos instrumentistas que passam a se apresentar nas ruas da cidade do Rio de Janeiro entre 2011 e 2020, Kyoma Oliveira afirma

A instabilidade dos vínculos empregatícios, bem como a inexistência de cachês, são naturalizadas pelos proprietários das casas de shows e justificadas pela insustentabilidade do trabalho artístico frente aos efeitos da crise econômica no país. Nestes termos, percebe-se que a própria maneira de organização dos agentes no interior do campo artístico, devido a forma como este é estruturado na modernidade, gera a instabilidade para grande parte dos instrumentistas. (OLIVEIRA, 2021, p66)

Os artistas independentes, dependem na verdade de muitas coisas, entre elas de editais de incentivo à cultura (CERQUEIRA, 2018), apesar de nem sempre o acesso a eles ser facilitado para uma grande parte da população

Em meio à corrida de editais e patrocínios, o artista é chamado a comportar-se como empresário da sua própria carreira, um portfólio worker, a custo de uma gestão de racionalidade dos seus capitais pessoais (tempo, esforço, competências, reputação). Tais fatores configuram o artista quase-firma e desenham a face do músico, sobretudo aquele tido como independente, enquanto empreendedor cultural. O “tornar-se produtor do

seu próprio trabalho” tem se constituído uma relevante tendência no mercado artístico contemporâneo. (CIQUEIRA, 2015, p.15-16)

Quem consegue acessar esse tipo de política cultural? Tratando-se especificamente dos grupos de cultura popular, por exemplo, quantos são excluídos do jogo devido a falta de democratização de acesso proposta pelos órgãos responsáveis por essas políticas? Durante a pandemia, no entanto, surgiram uma série de iniciativas, chamadas muitas vezes de leis emergenciais de cultura, que se propunham justamente a repensar os formatos desses editais, a fim de atingir um público mais diverso.

A Lei Aldir Blanc, por exemplo, foi uma das mais importantes formas de sustento dos trabalhadores da cultura durante esse período em que a maioria dos eventos foi cancelado. Só no Rio de Janeiro em 2020 tivemos a nível estadual<sup>32</sup>: Retomada Cultural RJ – Categoria A, Retomada Cultural RJ – Categoria B, Juntos Pelo Circo RJ, Cultura Viva RJ, Fomenta Festival RJ – Categoria A, Fomenta Festival RJ - Categoria B, Cultura Presente RJ e Passaporte Cultural RJ, totalizando R\$ 100.428.213,93 divididos entre 2369 projetos e a nível municipal: Premiação, Ações Locais, Arte & Escola, Aquisição de ingressos e Seleção Pública Simplificada de Fomento às Artes, sendo dos 39 milhões destinados à cidade do Rio, R\$ 21.738.000,00 destinados para subsídios, instituições, grupos, coletivos e entidades, e R\$ 17.654.682,90 para chamadas públicas, editais e prêmios<sup>33</sup>.

Outros editais como os diversos lançados pela FUNARJ<sup>34</sup> nesse período (Ondas da Cultura, Prêmio Funarj de Clipes Musicais, Prêmio Funarj/ Roquette Pinto de Esquetes, Prêmio FUNARJ de Música ao Vivo, Prêmio FUNARJ de Produção de Curta-Metragem/Lab Curta 2021, Prêmio FUNARJ de Montagem Teatral 2021, por exemplo) e esse do Sesc chamado “Edital de Cultura Sesc Pulsar” que teve sua versão 2021/2022 e 2022/2023, foram e seguem sendo políticas culturais essenciais para a sustentabilidade financeira de diversos trabalhadores da cultura.

---

<sup>32</sup> Disponível em <<http://cultura.rj.gov.br/lei-aldir-blanc-editais/>> Acesso em 26/08/2022

<sup>33</sup> Disponível em <<https://prefeitura.rio/cultura/prefeitura-do-rio-lanca-editais-da-lei-aldir-blanc/>> Acesso em 26/08/2022.

<sup>34</sup> Disponível em <<http://www.funarij.rj.gov.br/node/30>> Acesso em 26/08/2022

Em julho de 2022, depois de uma grande pressão popular, a Lei Aldir Blanc 2<sup>35</sup> foi promulgada, juntamente com a Lei Paulo Gustavo<sup>36</sup>. Através do perfil “Lei Emergência Cultural”<sup>37</sup> no Instagram, é possível observar as diversas etapas que precisaram ser atravessadas até a aprovação de ambas.

Em resumo, o início do ano de 2022 foi marcado pela luta pela por ambos projetos de interesse do setor cultural: a Lei Paulo Gustavo (PLP 73/2021)<sup>38</sup>, que direcionaria R\$ 3,86 bilhões do superávit financeiro do Fundo Nacional de Cultura a estados e municípios para fomentar atividades e produtos culturais devido aos efeitos econômicos e sociais da pandemia de COVID-19 e a Lei Aldir Blanc 2 (PL - 1518/2021), que tinha como proposta criar uma política nacional permanente de fomento ao setor cultural brasileiro, a ser executada de forma descentralizada com recursos federais nos estados, municípios e Distrito Federal e que somente no primeiro ano da lei previa 3 bilhões direcionados aos entes federativos<sup>39</sup>.

Após serem aprovadas na Câmara<sup>40</sup> e posteriormente no senado<sup>41</sup>, no entanto, ambas as leis foram vetadas pelo Governo Federal. Após uma grande mobilização nacional, enfim em julho de 2022 o Congresso consegue derrubar os

---

<sup>35</sup> Disponível em <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/07/11/apos-congresso-derrubar-veto-lei-aldir-blanc-2-e-promulgada>> Acesso em 26/08/2022

<sup>36</sup> Disponível em <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/07/11/promulgada-lei-paulo-gustavo-para-aco-es-emergenciais-a-cultura>> Acesso em 26/08/2022

<sup>37</sup> Disponível em <<https://instagram.com/leiemergenciacultural>> Acesso em 26/08/2022

<sup>38</sup> Disponível em <<https://www.camara.leg.br/noticias/853971-PLP%2073/2021>>-aprovam-projeto-que-cria-a-lei-paulo-gustavo-de-ajuda-ao-setor-cultural/> Acesso em 25/08/2022

<sup>39</sup> Disponível em <<https://www.camara.leg.br/noticias/759728-projeto-cria-politica-permanente-de-apoio-a-cultura-inspirada-na-lei-aldir-blanc/>> Acesso em 25/08/2022

<sup>40</sup> Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CaX40hSJMwm/?igshid=YmMyMTA2M2Y%3D>> Acesso em 24/08/2022

<sup>41</sup> Disponível em <<https://www.instagram.com/p/Cbdk92HJz4c/?igshid=YmMyMTA2M2Y%3D>> Acesso em 24/08/2022



vetos<sup>42</sup>, tornando-as então, leis e criando, assim, maiores perspectivas de realização de projetos para trabalhadores da cultura em um futuro próximo.

Apesar da cantoria do Céu na Terra, devido ao fato de ser a única frente do coletivo que não se transformou em um produto, não ter sido diretamente beneficiada por todas essas políticas culturais que mencionei, compreendo que os agentes culturais que compõem o coletivo, seja através de outros sub-grupos do Céu, seja individualmente enquanto artistas ou nos outros projetos culturais que participam, foram e ainda serão favorecidos por essas ações.

### **3.5 - Eventos previstos e imprevistos e a festa como brecha**

como propõe Da Matta (1997), os eventos extraordinários se dividem entre os previstos (construídos pela e para a sociedade) e os não previstos (que a atingem de forma imprevisível e incontrolável), desde março de 2020 temos sido regidos por um regime de imprevisibilidade ao qual festas e rituais têm buscado se adequar. Justamente por se tratar de ocasião singular e limite, a pandemia configura-se como oportunidade única de produção de conhecimento antropológico. Registrar como os grupos estão passando por essa experiência é ir ao encontro de obras que enfatizam a ideia de que os eventos críticos podem ser extremamente desestabilizadores e, por isso mesmo, tão evidenciadores de princípios de organização social quanto facilitadores de criatividade e renovação (Kapferer, 2010). (MENEZES, 2021, p252)

Utilizo esse trecho escrito por Renata Menezes para ilustrar mais uma vez a importância de documentar através de pesquisas os impactos causados pela pandemia em diversos segmentos da nossa sociedade, mas também para levantar a questão de que ter como objeto de pesquisa uma manifestação que ocorre no mesmo tempo e, de alguma forma, espaço que eu, tem tido impactos imensos em meu estudo. Como pesquisadora, trabalhadora da cultura, brincante e moradora do Rio de Janeiro, fui compreendendo que tenho diversos sentimentos em comum com

---

<sup>42</sup> Disponível em

<<https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2022/07/05/congresso-derruba-vetos-as-leis-paulo-gustavo-e-a-ldir-blanc-2>> Acesso em 25/08/2022

os personagens da minha pesquisa e que de alguma forma, ao longo do período em que me debrucei sobre a escrita dessa dissertação, precisei adequar ao regime de imprevisibilidades da pandemia.

Se eu estou ansiosa de entender quais são as perspectivas para área da cultura nessa retomada cultural, se ainda estou me recuperando do baque da paralisação de eventos durante a pandemia e nesse levantar estou precisando lidar com um Brasil em plena inflação e os altos preços da cidade do Rio, que apesar de todo o glamour e nome, em termos de políticas de cultura, ainda deixa muito a desejar, concluo que os agentes culturais que compõe o grupo que estudo vivenciam justamente as mesmas aflições.

Destaco que escrevo esse terceiro capítulo como uma sobrevivente desses últimos dois anos de pandemia. Ninguém saiu ileso desse período. Mas sinto que o impacto da festa, a brecha que uma celebração desperta e a importância de ritualizar suas datas são elementos que se tornaram ainda mais importantes na vida das pessoas. Talvez essa impressão se dê porque ao longo desse período sem festejos nos formatos “comuns” pudemos compreender a falta que a festa faz em nossas vidas. Se em 2020 eu já suspeitava, hoje tenho absoluta certeza: a gente não faz festa porque a vida vai bem, é justamente pelo contrário. A festa é a nossa forma de resistir. Luiz Antonio Simas em seu livro “O corpo encantado das ruas” traz uma citação de Beto Sem Braço “o que espanta a miséria é a festa” (SIMAS, 2019, p55), e não é só a miséria econômica, mas a miséria existencial mesmo (SIMAS, 2020). Outra passagem que ilustra bem essa temática é de João Leal no livro “A falta que a festa faz” que aborda justamente o impacto da não realização dos festejos populares na pandemia

a festa não é um mero ornamento decorativo da vida social, mas um aspecto decisivo do modo como são configuradas e vividas as relações entre pessoas e grupos e – no caso das festas religiosas – as relações entre pessoas e grupos e as divindades. A festa é por isso o assunto mais sério do mundo (LEAL, 2021, p33)

Outro autor que fala sobre a importância da festa é Muniz Sodré, em seu livro “O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira” afirma que “A festa (a palavra

vem de Vesta, princípio sagrado de vitalidade indiferenciada) é a marcação temporal do sagrado” e que destina-se a renovar a força (SODRÉ, 2019, p136).

A antropóloga Rita Amaral, em seu estudo sobre as festa brasileiras, faz uma análise interessante, ao afirmar que

Não é à toa, como se vê, que se diz que “no Brasil tudo acaba em festa”. Isso é compreensível, já que ela pode comemorar acontecimentos, reviver tradições, criar novas formas de expressão, afirmar identidades, preencher espaços na vidas dos grupos, dramatizar situações e afirmações populares. Ser o espaço de protesto (...) ou da construção de uma cidadania “paralela”; de resistência à opressão cultural, social, econômica ou, ainda, de catarse. Além disso, sendo capaz de mediar diferentes valores, termos e sentidos, numa sociedade pluricultural como a brasileira, ela se revela como poderoso instrumento de interação, compreensão, expressão da diversidade, englobando-as e permitindo a todos se reconhecerem, na festa, como um povo único. (AMARAL, 1998, p279)

Essas diversas dimensões da festa brasileira a tornam uma festa especial. Isso ocorre não porque seja exclusiva do povo brasileiro, mas devido ao fato de que, no Brasil, a festa adquire significados sociais, políticos e culturais específicos, “sendo inegável a disposição permanente do brasileiro para a festa” (AMARAL, 1998, p279). Isto pode ser percebido tanto pelos próprios brasileiros, quanto pelos estrangeiros, “conformando uma imagem social e uma auto-imagem em que a disposição para a festa constitui um traço marcante da identidade nacional” (AMARAL, 1998, p279).

Trago todos esses entendimentos sobre a força e o poder das festas como forma de levantar a grande questão dessa pesquisa: o impacto da não realização desses festejos populares na vida dessas pessoas. De onde os brincantes podem tirar forças quando não há festejo?

Existe uma clássica ideia antropológica de que

os rituais são portas de entrada privilegiadas para a compreensão da vida social, com eles perspectivada sob múltiplos ângulos. Com essa baliza

conceitual, indagávamos: como a vida social seria reinventada, vista pelo ângulo das festas e expressões tradicionais da cultura popular contemporânea impedidas de seguir seu curso habitual de preparo e plena realização? (CAVALCANTI, GONÇALVES, 2021, p15)

As festas carregam em si uma especial temporalidade, que tem forte conexão com a experiência vital compartilhada e é repleta de “conteúdos cognitivos e afetivos”.(CAVALCANTI, GONÇALVES, 2021) Elas

entrecruzam o calendário histórico que segue sempre em frente e, nele situadas, o transcendem iluminando cosmovisões e insistindo em retornar “no ano que vem”. Sua culminância na data festiva é prenhe de simbolizações, dramas sociais e performances, formas expressivas e linguagens artísticas. Desdobramentos teóricos e metodológicos trazidos pelos estudos das festas permeiam as ciências sociais e humanas. (...) Bem sabemos que mudam, adaptam-se sempre a novos contextos e circunstâncias enquanto almejam permanecer. Algumas deixam de acontecer em determinados períodos por razões as mais diversas, como guerras, períodos de recessão econômica, fluxos migratórios, crises sociais, pandemias... Mesmo as mais longevas, cuja história acompanha movimentos civilizatórios e atravessa continentes e por vezes séculos – como é o caso do carnaval ou do Divino Espírito Santo –, costumam trazer novidades e transformações. (CAVALCANTI, GONÇALVES, 2021, p15)

Nesse movimento de continuamente se refazer e reinventar, as festas vão emprestando elementos umas das outras, dão sentido novo a velhos aspectos e arrumam nichos novos em diferentes contextos sociais (CAVALCANTI, GONÇALVES, 2021, p16). Apesar de ser triste a motivação, é bonito observar o dom de adaptação que os festejos populares têm.

No caso da cantoria do grupo Céu na Terra, após esses dois anos de pesquisa posso afirmar que os impactos da ausência da festa seriam imensos e os foliões teriam uma das suas maiores fontes de alegria, podada. Uso esse tempo verbal, no entanto, porque acredito que, apesar de todas as adaptações que o festejo precisou passar para se adequar as medidas de segurança exigidas pelas pandemia, houve celebração. Nas miudezas, dentro das casas e através das telas,

mas até mesmo nos momentos de maior restrição pandêmica, houve de alguma forma, a ritualização da cantoria e com ela, é claro, uma injeção de energia vital em seus brincantes.

Cada caso é um caso e não tenho como afirmar por todos, mas termino essa pesquisa podendo dizer que seja através de leituras de autores que acompanharam grupos de cultura popular ao longo desse período, seja em relação aos tantos outros coletivos e festanças que tenho contato: todos os coletivos que tenho conhecimento encontraram uma forma, mesmo que muito menos acalorada, de realizar sua celebração. Dessa forma, respondendo a pergunta anterior sobre de que lugar os brincantes podem tirar forças quando não há festejo, afirmo que obviamente seria muito difícil caso chegasse a esse ponto, visto que festejar é vital para muitos envolvidos, mas ousou responder: não consigo imaginar um acontecimento grande o suficiente para conter a força de vontade de seus brincantes de encontrar brechas para ritualizar suas festas.

Ao ser perguntado em uma entrevista realizada em 2022 sobre como deve ficar a relação do brasileiro com a festa quando (e se) a pandemia acabar e for possível voltar para as ruas, Luiz Antônio Simas respondeu <sup>43</sup>

Eu acho que nós vamos voltar para a rua, estamos voltando. A pandemia vai acabar, não sei exatamente quando ou como, mas vai acabar. Eu acho que a relação do brasileiro com a festa está inserida dentro de um processo muito mais amplo, que é o processo de reconstrução de um certo sentido coletivo de vida, porque a festa ocupa essa função. A gente vive numa sociedade excessivamente vinculada à individualização, [que] desconecta o indivíduo de suas referências coletivas mais profundas. A correria da vida, os corpos domesticados dentro da lógica do trabalho, o consumo exacerbado que marca os fundamentos da nossa sociedade, tudo isso gera um despertencimento em relação àquilo que nos constitui como comunidade, e a festa é uma instância de reconstrução desse sentido.

---

<sup>43</sup> Disponível em

<<https://www.nonada.com.br/2022/04/a-volta-da-festa-e-o-direito-a-fofia-uma-conversa-com-luiz-antonio-simas>> Acesso em 12/07/2022

Por isso eu creio que as festas vão estar aí. Como estarão é uma coisa que eu não sei, até porque a gente tem que ficar muito atento a uma encrenca que existe, a uma certa confusão que é feita entre a festa como o evento da cultura e a festa como a cultura do evento. A cultura do evento é aquela que não é orgânica, é aquela que mensura tudo a partir da dimensão mercantil, da mercadoria. Então a festa vira mercadoria, os corpos em festa viram corpos consumidores dessa mercadoria. Enquanto a festa como um grande evento da cultura é aquela orgânica, que está inserida num processo de maturação, que passa de geração pra geração, que não é estática evidentemente, porque ela se transforma. Mas ela, de certa maneira, dá sentido à vida das comunidades. Então eu acho que a gente vai retomar as festas, [mas] dentro de tensionamentos, porque a nossa história é feita muito mais de tensionamentos do que de consensos. E a festa também é o tempo todo tensionada.(SIMAS, 2022c)

Acredito ser de extrema importância essa percepção de Simas acerca dessas confusões e tensões para as quais precisaremos estar atentos nessa retomada cultural dos festejos populares, mas o fato é que aos poucos estamos podendo voltar às ruas e a ritualizar nossas datas com a grandeza que merecem.

Torço para que os grupos de cultura popular venham com toda energia acumulada desses dois anos de jejum de suas dinâmicas de costume e que esse segundo semestre de 2022 e o ano de 2023 sejam recheados de celebrações nas dimensões que vinham sendo feitas até antes da pandemia, mas que tenhamos a certeza de que nem mesmo uma situação triste como a chegada da COVID-19 pôde com a força do ritual e que tenhamos essa grandeza em mente sempre que for preciso, através dele, inventar coletivamente o sentido da vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi dividida em três capítulos que contavam com uma certa ordem cronológica. No primeiro, abordei o grupo Céu na Terra e suas dinâmicas pré-pandemia. Busquei traçar um histórico do coletivo, contando um pouco quais caminhos levaram seus brincantes a se encantar e criar uma cantoria e como eram realizadas as saídas do grupo até o início do ano de 2020, antes da chegada do COVID-19.



Figuras 23 e 24: Fotografias de Marcelo Valle tirada no cantoria do Céu na Terra em 20 de janeiro de 2020, dia de São Sebastião

Além disso, tratei sobre as várias frentes que compõem o grupo (a cantoria, a orquestra, o bloco, o pastoril, entre outros) e a maneira como eles costumavam se organizar. Outro tópico importante, com o qual fechei o primeiro capítulo, é a identificação do Céu na Terra como parte do movimento de emergência de grupos de cultura popular oriundos das classes médias urbanas no final dos anos 1990 e início dos anos 2000, onde acionei estudos da antropóloga Elizabeth Travassos sobre o tema, buscando compreender do ponto de vista antropológico, o interesse por expressões musicais brasileiras que até aquele momento não haviam sido absorvidas pela indústria cultural (TRAVASSOS, 2001).

No segundo capítulo, por sua vez, abordei a chegada da pandemia e o formato escolhido pela cantoria do Céu na Terra para ritualizar seu ciclo natalino de 2020/2021: o universo do online, através principalmente de *lives*, “*multiterritorializando*” assim o ritual (HASBAERT, 2004). Neste capítulo, procuro também tratar de outros festejos que tiveram sua adaptação de forma parecida nesse período, utilizando entre outros materiais, os artigos contidos no livro “A falta que festa faz” organizado por Maria Laura Cavalcanti e Renata de Sá Gonçalves e evidenciando assim que diversos outros coletivos também passaram por processos parecidos aos do grupo que eu pesquisei.

No terceiro capítulo, busquei abordar o ciclo natalino de 2021/2022 e esse período em que podemos dizer que a pandemia ainda estava acontecendo, mas já era possível termos alguma perspectiva do seu fim, visto que aos poucos voltávamos a socialização com nossos pares e a frequentar as ruas com alguma normalidade (sem uso de máscara e com aglomerações voltando a ser autorizadas).

Neste capítulo trato de algumas idas a campo, que foram muito importantes para que eu pudesse presenciar ao vivo algumas experiências que eu apenas havia ouvido falar através das entrevistas online, sendo as principais: o dia 19 de dezembro de 2021, no Largo das Neves, o dia 20 de janeiro de 2022, na Fundação Progresso e o dia 16 de agosto de 2022, no Sesc Copacabana, além de abordar algumas políticas públicas importantes que ocorreram durante a pandemia como os editais que tanto colaboraram com os grupos de artistas independentes, entre eles,



o Céu na Terra. Para finalizar, trago alguns autores como Luiz Antonio Simas e Rita Amaral para ajudar a pensar a importância da festa na vida de seus brincantes, me ajudando a compreender a gigante dimensão que ela tem.

Feita esta retomada, primeiramente gostaria de declarar que finalizar esta pesquisa, que foi iniciada em 2020 no auge da pandemia do COVID-19, quando enfim as atividades estão voltando ao normal, tem sido algo difícil de digerir. Tenho refletido muito sobre o quanto numa pesquisa, principalmente nas que tratam de eventos contemporâneos, não há um fim, há um recorte.

A cantoria do Céu na Terra segue retomando as ruas depois de dois anos de jejum, inclusive com uma data marcada para a comemoração do aniversário do grupo, dia 1 de outubro no Largo das Neves e com uma viagem para Ibitipoca logo após o Natal para virar o ano por lá, fazendo a jornada. No entanto, apesar da euforia de ver as coisas voltando a acontecer com direito a aglomeração, entrada em casas de devotos e olho no olho, entendo que me propus a pesquisar justamente esse período atípico e acredito que dentro dos desafios colocados principalmente pela própria pandemia, consegui.

Atravessei dois anos com a mesma angústia que os personagens que vinha acompanhando: a falta de perspectiva e precisei aprender a assim como eles, dar tempo ao tempo e aprender cada vez mais que não é possível prever tudo. A cada semana o cenário pandêmico podia mudar e como consequência todas as dinâmicas de nossas vidas também.

Acionar autores contemporâneos, que assim como eu, estavam passando pelo desafio de pesquisar a cultura popular num momento em que estava passando por diversas excepcionalidades foi de extrema importância para conseguir dar conta do recorte escolhido. Como abordam as organizadoras do livro “A falta que a festa faz” (2022), Maria Laura Cavalcanti e Renata de Sá Gonçalves

Aos poucos percebemos que estávamos todos diante dos mesmos desafios: o de sobreviver, proteger a saúde física e mental e, ao mesmo tempo, assegurar a continuidade de afetos e valores sempre compartilhados com tantos outros. Experimentamos, junto com as festas, seus festeiros, organizadores, devotos, artistas e brincantes, a mesma resposta: a transposição da integralidade da presença física para a forma remota dos contatos virtuais síncronos e assíncronos. (CAVALCANTI, GONÇALVES, 2022, p17)

Enquanto no universo dos festejos populares a onda de *lives*, por exemplo, explodia, para nós pesquisadores passamos a recorrer cada vez mais a aos recursos eletrônicos para viabilizar a continuidade de contatos e de vínculos e aos poucos nossas rotinas cotidianas foram sendo tomadas decisivamente por trabalhos remotos, vídeo chamadas, *deliverys* de comidas e compras em geral e nós nunca tivemos as telas tão presentes em nossas vidas. No entanto, obviamente, essa ampliação do uso de tais recursos não aconteceu de forma igualitária, dessa forma revelando desigualdades relativas ao consumo e ao acesso às plataformas virtuais e etc (CAVALCANTI, GONÇALVES, 2022, p17).

Agora, terminando a presente pesquisa, acredito que ficam arestas a serem trabalhadas em artigos ou outros formatos. Recebi um convite do grupo, através de Daniel Fernandes, para participar da jornada deles de 2022/2023. A ideia é ir primeiramente para Ibitipoca, no sul de Minas Gerais e depois, em janeiro, visitar em Rio das Flores a casa de Affonso Furtado, que citei no terceiro capítulo que havíamos nos preparado para ir em 2021, mas a pandemia piorou e acabamos não conseguindo. Dessa forma, observando as dinâmicas dos anos de pandemia e esses convites de agora, percebo muita diferença e suspeito que essa será uma jornada de retomada, um reencontro do Céu na Terra com as práticas que faziam até o COVID-19 chegar ao Brasil. Mas como será essa dinâmica? Quais os impactos a pandemia deixou nesses sujeitos e suas práticas?

Creio que acompanhar esse novo processo possa ser muito rico e pretendo me juntar ao grupo para, como foliã ou pesquisadora em novos voos, assistir esse reencantamento das ruas.

Outra temática que acredito que vá seguir carecendo de acompanhamento e análises críticas é a antropologia da doença nos próximos anos. Se a quarta dose de vacina contra o COVID-19 já está disponível nos postos de saúde para maiores de 18 anos em diversas cidades<sup>44</sup> e enfim a vacinação de bebês está às vésperas de ser autorizada<sup>45</sup>, vivemos agora o medo da varíola do macaco.

Segundo a CNN<sup>46</sup>, até o dia 20 de setembro de 2022, o Brasil havia registrado 7.019 casos confirmados de varíola dos macacos e duas mortes, de acordo com o Ministério da Saúde. Segundo o médico Dráuzio Varella<sup>47</sup>, a doença pode ser transmitida através de contato com secreções respiratórias, contato com lesões que surgem na pele da pessoa com o vírus e contato com materiais de uso individual de alguém contaminado.

Como será a evolução dessa doença no país e no mundo? Quais os impactos ela terá na população? A iminência de um novo período de intensas alterações de dinâmicas da vida social em função de cuidados sanitários tem pairado no ar desde a chegada do COVID-19. A torcida é obviamente para que enquanto humanidade consigamos frear os avanços da doença e o quanto antes possamos estar todos protegidos contra esse novo vírus.

---

<sup>44</sup> Disponível em

<<https://exame.com/brasil/rio-de-janeiro-amplia-quarta-dose-da-covid-19-para-pessoas-acima-de-18-anos/>>  
Acesso em 20/09/2022

<sup>45</sup> Disponível em

<<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2022/09/bebes-de-ate-1-ano-deverao-ter-prioridade-na-vacina-contra-covid-da-pfizer.shtml>> Acesso em 20/09/2022

<sup>46</sup> Disponível em

<<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/anvisa-aprova-registro-do-1o-teste-de-diagnostico-de-variola-dos-macacos-no-pais/>> Acesso em 20/09/2022

<sup>47</sup> Disponível em

<<https://drauziovarella.uol.com.br/infectologia/11-perguntas-e-respostas-sobre-a-variola-dos-macacos/>>  
Acesso em 19/09/2022

Por fim, gostaria de fechar esse trabalho agradecendo a cantoria do Céu na Terra pelos últimos dois anos, que foram de muito aprendizado para mim e agradeço à brincadeira e a festa, que em momentos de angústia e falta de perspectiva, sempre encontraram formas de realizar seus rituais, mesmo que em menor escala e diferentes formatos, e através deles aconchegar o peito.

## BIBLIOGRAFIA

AMARAL, Rita. As mediações culturais da festa. *Mediações-Revista de Ciências Sociais*, v. 3, n. 1, p. 13-22, 1998.

AMARAL, Rita de Cassia de Mello. *Festa à Brasileira-Significados do Festejar no País que 'Não é Sério'*. Diss. Universidade de São Paulo, 1998.

ARTEIRA, Cia. Companhia Arteira Convida - Ciclo Natalino - Daniel Fernandes e Wagner Chaves - Folias de Reis. *Youtube*, 6 de janeiro de 2021. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=HacrO5rU2LM>> Acesso em 6 de janeiro de 2021.

ARTEIRA, Cia. Companhia Arteira Convida - Ciclo Natalino - Cantoria de Reis do Céu na Terra. *Youtube*, 30 de dezembro de 2020. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=4YHpzxKdzF4>> Acesso em 2 de fevereiro de 2021

ASSIS, Sônia Cristina; DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. Festa e Ritual na Irmandade Folia de Reis São Francisco de Assis: Tecitura e Tessituras de Pessoas, Instrumentos e Sonoridades nas Ruas de Carmo de Cajuru/MG—A Experiência do Lazer como Processos Identitários. *LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, v. 19, n. 4, p. 414-438, 2016.

BÁRTOLO, Lucas; SOUSA, João Gustavo Martins Melo de. “Notas sobre as escolas de samba e a pandemia do novo coronavírus”. *Cadernos de Campo*, vol.29, suplemento. São Paulo, pp. 194-203, 2020

CERQUEIRA, Amanda Coutinho. Viver de música: empreendedorismo cultural e precarização do trabalho. *Cadernos de Estudos Sociais*, Recife, v. 33, n. 1, p. 85-107, 2018.

CERQUEIRA, Amanda P. Coutinho. Músicos independentes: um conceito em discussão na cena da música brasileira. *Is Working Papers*, 3. série, n. 5, Porto, dez. 2015.

CHAVES, Wagner Diniz. Canto, Voz e Presença: uma análise do poder da palavra cantada nas folias norte-mineiras. *Mana*, v. 20, p. 249-280, 2014.

CORRÊA, Jhonatan. Festa silenciosas: formas de cultuar perante a pademia. *Anais do 4º Workshop de Geografia Cultural. Territorialidades do sagrado: abordagens da geografia da religião*, 2020

BITTER, Daniel, 2008, “Versos de improvisos nas chulas dos palhaços de folias de reis”, em Alexandre Pimentel e Joana Correa (orgs.), *Na Ponta do Verso: Poesia de Improviso no Brasil*. Rio de Janeiro, Associação Cultural Caburé, 104-107.

BITTER, Daniel; CHAVES, Wagner. “É missão que segue: folias em tempos incertos”, em Maria Laura Cavalcanti e Renata de Sá Gonçalves (orgs.), *A falta que*

a fez faz: Celebrações populares e antropologia na pandemia. Rio de Janeiro, Série Livros Digital n23, Museu Nacional, p. 221-242, 2021

DOS SANTOS, Dora Motta. O ano em que a folia não saiu: o caso da folia de reis do Céu na Terra no ciclo natalino de 2020/2021. *Equatorial–Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*, v. 9, n. 16, p. 1-22, 2022.

DOS SANTOS, Dora. *TODO ARTISTAS TEM DE IR AONDE O POVO ESTÁ: A ocupação do metrô pelos artistas na cidade do Rio de Janeiro*. Universidade Federal Fluminense, 2018

DURKHEIM, Émile. *Les formes élémentaires de la vie religieuse*. Paris: PUF, 1968

FERRO, Ana Paula R. *A netnografia como metodologia de pesquisa: um recurso possível*. *Educação, Gestão e Sociedade: revista da Faculdade Eça de Queirós*, ISSN, p. 2179- 9636, 2015.

FOOTE WHYTE, William. *Sociedade de esquina*. Zahar, 2005.

FRADE, Cascia. “Especial Folia de Reis TV Brasil”. *Youtube*, 30 de maio de 2018. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=LpQgSe7Pem8&t=202s>>. Acesso em: 29/04/2021

FUKS, Julian. Sobre outros carnavais - ou sobre aquilo que não há de morrer em nós. *Site UOL*, 13 de fevereiro de 2021. Disponível em <<https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/julian-fuks/2021/02/13/sobre-outros-carnavais--ou-sobre-aquilo-que-nao-ha-de-morrer-em-nos.htm>> Acesso em 15/04/2021.

GONÇALVES, Gabriela Marques. Religiosidade popular e Folia de Reis. In: *Anais do III Congresso Internacional de História da UFG/Jatí: História e Diversidade Cultural*. Setembro de. 2012.

Haesbaert, Rogério. *Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade*. Porto Alegre, 2004.

DE CARVALHO, José Jorge. ‘Espetacularização’ e ‘canibalização’ das culturas populares na América Latina. *Revista Antropológicas*, v. 21, n. 1, 2010.

KOZINETS, Robert V. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Penso Editora, 2014.

Leal, João. "A falta que a festa faz." *A Falta que a Festa Faz* (2021): 22-36.

OLIVEIRA, Kyoma Silva. O transbordamento da atividade musical para as ruas e atualização do trabalho cultural precário: uma análise sobre os instrumentistas nômades cariocas. *PragMATIZES–Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura*, v. 11, n. 21, p. 48-66, 2021.

PEIRANO, Mariza. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

ROCHA, Gilmar. A roupa animada–persona e performance na jornada dos santos reis. *Revista Cronos*, p 8-34, fev, 2014.

ROCHA, Gilmar. O verbo e o gesto: corporeidade e performance nas folias de reis. *Etnográfica*. *Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, v. 20, n. 3), p. 539-564, 2016.

SESC. Natal Sesc | Pastoril Céu na Terra. *Youtube*, 6 de janeiro de 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=HTXtf9Lhdhg>, acesso em 6 de janeiro de 2021

SIMAS, Luiz Antonio. Fogueiras para encantar a vida. *Site IREE*, Rio de Janeiro, 24 de junho de 2021. Disponível em <https://iree.org.br/fogueiras-para-encantar-a-vida/> Colunistas, online. Acesso em 20/07/2021.

SIMAS, Luiz Antonio. *Almanaque brasilidades: um inventário do Brasil popular*. Bazar do Tempo, 2018.

SIMAS, Luiz Antonio. *Santos de casa: fé, crenças e festas de cada dia*. Bazar do Tempo, 2022.

SIMAS, Luiz Antonio. *O corpo encantado das ruas*. Editora José Olympio, 2019.

SOUZA, Luiz Gustavo Mendel. *Giros Urbanos: Uma etnografia da festa do arremate da folia de reis no estado do Rio de Janeiro*. Belo Horizonte: Ancestre, 2020.

TURNER, V. *O processo ritual – estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis, Vozes, 1974.

RIAL, Carmen. Antropologia e mídia: breve panorama das teorias de comunicação. *Antropologia em primeira mão*, v. 9, n. 74, p. 4-74, 2004.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

VELHO, Gilberto. *Observando o familiar*. Zahar, 1978.